

Estações



Epitácio Macário

Estações

 Gráfica e Editora
IMPRECE
Fortaleza
2016

Estações

© 2016 Copyright by Epitácio Macário

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL
EFETUADO DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Conselho Editorial

DR. ALUÍSIO MARQUES DA FONSECA UNILAB	DR. JOSÉ BERTO NETO UNILAB
DRA. ANA MARIA IORIO DIAS UFC	DRA. JOSEFA JACKLINE RABELO UFC
DRA. ANA PAULA STHEL CAIADO UNILAB	DRA. LÍDIA AZEVEDO DE MENEZES IVA
DRA. ANTONIA IEDA DE SOUZA PRADO UNINASSAU	DRA. LÍDIA PAULIA DIAS RIBEIRO UNILAB
DR. ANTÔNIO ROBERTO XAVIER UNILAB	DR. LUIS TÁVORA FURTADO RIBEIRO UFC
DR. CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS UNIFOR	DRA. MÁRCIA BARBOSA DE SOUSA UNILAB
DR. CHARLITON JOSE DOS SANTOS MACHADO UFPB	DR. MICHEL LOPES GRANJEIRO UNILAB
DR. EDUARDO FERREIRA CHAGAS UFC	DRA. MILENA MARCINTHA ALVES BRAZ FGF
DR. ELCIMAR SIMÃO MARTINS UNILAB	DR. OSVALDO DOS SANTOS BARROS UFPA
DRA. ELISÂNGELA ANDRÉ DA SILVA COSTA UNILAB	DRA. REGILANY PAULO COLARES UNILAB
DR. ENÉAS DE ARAÚJO ARRAIS NETO UFC	DRA. ROSALINA SEMEDO DE ANDRADE TAVARES UNILAB
DR. FRANCISCO ARI DE ANDRADE UFC	DRA. SIMONE MARIA SILVA DANTAS FACPED
PROF. GERALDO JESUÍNO DA COSTA UFC	DRA. SINARA MOTA NEVES DE ALMEIDA UNILAB
DRA. HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO UFC	DRA. VANESSA LÚCIA RODRIGUES NOGUEIRA UNILAB

PROJETO GRÁFICO | *Carlos Alberto Alexandre Dantas*

CAPA | *Sarah Nicodemos*

ILUSTRAÇÕES | *Sarah Nicocemos e Carlos Bonfim*

REVISÃO | *Vianney Mesquita*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Cip)

Bibliotecária: Regina Célia Paiva da Silva – CRB – 1051

M115e Macário, Epitácio.

Estações / Epitácio Macário. – Fortaleza: Imprece, 2016.

170p.:il 12cmx18cm.

ISBN: 978-85-8126-127-0

1. Crônica Cearense. 2. Crônica Brasileira. I. Título.

CDD B 869.8

Sumário

Certo professor e suas façanhas → 7

Elias de França

Literatura da memória → 15

Mauro Luis Iasi

Estação Primeira

O COTIDIANO

Crônica de engarrafamento → 21

Diamantina → 22

SP: 7 °C → 23

Gênesis → 24

Professor *qualis* A → 26

Tipo assim... um professor → 28

Natal no *campus* → 32

Como um girassol → 37

Dilemas → 39

Síndrome → 42

Questão de gênero → 48

Há Rosas → 55

Um di-a-típico → 57

Terceirização → 66

Prova ontológica → 72

Enquanto há vida → 77

Sobre entidades → 82

Estação Segunda

A VIDA

Luta de classe → 97

Consciência de classe → 101

Hereges → 107

Um conto de Natal → 111

Metafísica → 116

Criados para voar → 118

Busca → 121

Cumplicidade → 124

Delicadezas → 127

Quase cinquentenários → 141

Estação Terceira

O HOMEM

Sobre a bondade → 155

Temporada de caça → 158

Enfrentando o medo → 161

O reencontro → 166

Certo professor e suas façanhas

Por ouvir dizer, sei que é um desses de origem sertanejo-nordestina, “antes de tudo um forte”, nascido nos grotões ermos do mundão, assistido por parteira, à luz de lamparinas, em que se fazem embalos os gemidos párticos, as graças e acalantos, ritual sublime do rebentar em vida sob as estrelas. Em “gênesis”, é caçula de uma ninhada de bem uma dúzia de meninos e meninas, paridos na palhoça ou casebre da ocasião, quando, por mais que faltasse, havia ao menos colo de pai e mãe e vigília de irmãos quase iguais.

Contaram-me também que já nasceu com uma “essência de córrego”, herdada d’algum ancestral remoto, tataravô – talvez, que teima em se fazer escorrer, daqui para ali, para alhures, de si para outros ‘sis’. Posta em êxodo, a grotta erra o caminho do mar e escorre – em prole – de Lago do Junco, no Maranhão, para os rincões cearenses (Tamboril), de carona num caminhão carregado

de arroz. Ao embalo do pau-de-arara, olhos mirando horizontes, os ventos flechando na alma alados sonhos, privilégios dos “criados para voar”.

Aporta inicialmente numa beira de estrada, no Riacho do Gado, “daquele lado do rio [onde] não havia o que temer”. Nem o ajuntamento de letras do Mestre Piau, carregado de erres, desses em que a “língua dança” ao soletrar. Nem a sentença de palmatória desferida nas mãos do filho do fazendeiro, velada desforra do lado frágil da corda, na ainda embrionária “luta de classe”, docemente branda ante a que viria a travar depois nos becos estéreis da metrópole. Por lá se foram alguns natais, em claro, em sentinela ao piado dos pulmões asmáticos do pai, degustando o café feito com o pó de ontem. Por lá se foram muitas apanhas de algodão, catas/debulhas de feijão, rezas de terços, ofícios, ladainhas, insurgências “hereges” ... até a “essência de córrego” escorrer para outro si, ou melhor, para o último (ou primeiro) beco da cidade, donde se podia contemplar, a um só tempo, a rua, a caatinga, a croa do rio e a serra. De contemplativo, só a paisagem; as vidas, porém, duras e reais, um magote de rapazes e moças

– ainda quase iguais – à mercê de se acharem em destino, se esgalhando pelo mundo, de si para outros ‘sis’.

Foi então que, não mais por ouvir falar, vi de própria fé o córrego escorrido para mais um si, o ensino médio, em 1986. Ao seu próprio dizer, quando era ele o apresentador e eu o autor, no meu primeiro livro, “Encontrei-os nos corredores de um velho prédio amarelado, de entrada única que dava para um santuário construído à pedra guardando a imagem da Virgem, tendo por trás um paredão desses erguidos para fazer-nos sentir pequeninos, o colégio Regina Pácis, em Crateús”. De contemplativo só a Santa. As vidas ainda muito duras e reais.

Abrigou-se de favores numa casa “fincada ao lado de uma bonita praça”, e a estação ferroviária (estação segunda?) “lá, do outro lado da praça, insinuando um charme aristocrático, sóbrio, discreto”. Mesmo um daqueles “criados para voar” não tardaria ter “Consciência de Classe” e perceber-se, desde nascença, com pertença do lado de cá, na ponta frágil da corda (fraca como a sua perna esquerda), onde voar não necessariamente é “pilotar avião”.

Na falta de asas, optou por “voar no pesoço” da opressão, fazendo o que pudesse. Aprendeu a arranhar as cordas dum violão, fez grêmio estudantil, jornal circular, manifestações de rua, deu cotoco para o policial torturador (que acabaria o prendendo por insulto e desacato)... revelou-se jovial, rebelou-se, “baseou-se”... apaixonou-se, amou, juntou-se, procriou, separou-se (por várias vezes)... e, desde ali, tornou-se “tipo assim... um professor”, inicialmente de nível “leigo”, pelo pão-de-cada-dia (ou pelo que o Diabo amassou). Depois pedagogo, aprovado em segundo lugar no exame vestibular, mestre, doutor em Educação, estudioso da Filosofia, da Ontologia e Teleologia do Homem pelo trabalho em Lukács, agora subscrevendo seus títulos com “tipo assim... um Professor Me./Dr. em Economia Política”, Epitácio Macário Moura.

Como a vida pode ter muitas estações, o tipo professor mais uma vez escorre para outros “sis” e se aventura em nova façanha, a virtuosa habilidade do dizer literário, que faz dele tipo assim... um escritor. Poderia já ter feito abrolhar isto nas auroras da infância, junto à flor do pau-d’arco roxo, pois que, além da “essência de córrego”, sempre trouxe

consigo muitas outras virtudes: inteligência e sensibilidade incomuns; um extraordinário olhar humano, capaz de enxergar, com as “delicadezas” da pena, o que há de mais belo e sublime em sua volta; um viver cercado de muitos sujeitos, desde os rincões (quando os outros eram quase iguais) à metrópole, estonteante “crônica de engarrafamento”, com “Trabalhadores encarcerados em ônibus e obrigações”, onde “prédios de apartamentos espicham os olhos em sua imagem curva na água”, e todos “Mergulham fundo na existência”. Mas não; esta façanha guardou para tempos “quase cinquentenários”, em que as reminiscências mantidas em tênues memórias dividem espaço com a efervescência do agora – império da plástica do silicone e do milagre dos corticoides, mas único lugar em que a vida real acontece – ou com a busca infinita do amor perfeito e da felicidade – ainda que inatingíveis em plenitude.

Crônicas? Contos? Poemas? Não importa. Seu dizer não tem contas a prestar com modelos preestabelecidos ou formalidades técnico-fúteis, posto que pulsante, fonte em jorro, como a marcha das massas nas ruas, seus “dilemas”, seu “natal no *campus*” seu –

quase sempre – “dia a-típico (de cão)”. Seu dizer é o de quem se acha “numa noite no meio de uma encruzilhada”, em “busca” do que seguir: se as densas planícies da experiência, ou as sinuosas e abstratas penumbras de novos “sis”, ou à longínqua fronteira da “cumplidade” com outra metade.

Sobretudo, porém – e apesar de ter aprendido com Agnes Heller a se afastar do cotidiano para, quando a ele retornar, ter-se elevado às instâncias da compreensão humano-genérica da realidade – trata-se das letras do Epitácio, “o filho mais novo do Seu Raimundo Vitô”, nascido nas brenhas sertanejas, numa ninhada de bem uns doze, todos quase iguais, que se tornou mestre, doutor em Educação, professor universitário... e escorrendo de si para outros “sis”, mas continuando sendo como sempre foi em cara e trejeitos, “essência de córrego”, razão por que ainda que os tempos fossem outros, talvez a radiadora de sua cidadezinha não o saudasse nos autofalantes como ilustre personalidade, ao modelo dos que ainda hoje mandam naquelas paragens. São estas, isto sim, as letras de quem se volta para os seus pares, que lhes enxerga como a si mesmo, dos irmãos esga-

lhados pelo mundo – hoje nem tanto quase iguais, distinguidos que foram pelos trancos do destino – aos que morrem de frio nas ruas, as “mulheres [que] dirigiam-se à feira com far-dos de confecção, quando não puxando carros feitos de carcaças de geladeiras cheinhos de panelas de caldo de peixe”, enfim.

Suas invenções são predominantemente jazidas garimpadas de meras histórias, relatos de encontros banais, conversas cotidianas, aulas e assistências de rotina, protestos e badernas, romances, bate-papos triviais (reais ou como se o fossem)... Pautas comuns como a maior parte do que preenche os momentos vividos por todos nós mortais, do mais erudito ao mais boçal, que se esfumam pelo esquecimento, antes da próxima conversa à toa, da próxima taça de vinho. Dessas coisas que se decomporiam naturalmente como uma tora de madeira tosca que fica esquecida na mata, órfã de um escultor.

Neste caso, porém, essas vivências puramente humanas tiveram a graça de serem alcançadas pelo olhar de um artista, que as reelaborou, lapidou, encheu-as de encanto e graça e as transformou em arte do dizer. E por ter consigo a sina de escorrer de si para

outros “sis”, como um c3rrego fosse, o autor sabe transformar poça em correnteza, pela m3gica habilidade de converter em arte o viver em estado tosco e bruto, dissolvido no cotidiano, nas obrigaç3es e nos encontros com os outros, como quem estica o que 3 ef3mero, sacraliza o profano (ou vice-versa) embeleza o que 3 maçante... Abençoadado seja o autor com suas letras. Premiados somos, os amigos e qualquer um transeunte dos cen3rios 3s suas vistas, personagens e leitores de sua verve. Devoremo-lo como alimento para um viver mais inventivo!

Elias de França

Escritor

Crate3s/CE, junho de 2016

Literatura da memória

“Ele sentia-se novamente como Manoel de Barros, ou como fora toda a vida, um menino de coração aberto”.

Vários são os traços comuns entre a literatura e a memória. Ambas são invenções, tenham ocorrido ou não, que criamos e organizamos para dar sentido ao que vivemos, para ver melhor o que iremos viver. Como acontece com a memória, escrevemos reordenando as peças escondidas sob a névoa do esquecimento, ali no espaço escuro da consciência, onde guardamos coisas, pessoas, acontecimentos, dores, sentimentos, ressentimentos, gestos, noites duras e dias claros, amores plenos e corpos vazios, dias de aula e luta de classes.

Nada é pequeno para a memória. Uma xícara no armário da cozinha, um violão num canto do quarto, o ruído de chinelos vindo da sala, botões órfãos numa velha caixa de costura. Cada pedaço de vida é uma enorme caixa mágica com seus conteúdos abissais, cada

momento é uma odisseia, um carro diante de uma fronteira e uma decisão a ser tomada. Nada é tão heroico e dramático. Nem Dario comanda enormes exércitos persas em nossa direção, nem trezentos guerreiros defendem o desfiladeiro. Não ouviremos explosões e carros em perseguição alucinada, alienígenas em suas naves de invasão. Chegaremos ao final como quem acaba o almoço, como quem termina um dia de trabalho, como quem afasta o lábio de outro lábio num beijo doce, como quem termina a infância e acorda com cinquenta anos. A alma leve, o coração fora do peito e um ponto final.

Uma coisa estranha que os antigos chamavam de literatura. Assim como a memória não pode prescindir do outro, não pode apassivá-lo como o consumidor dos produtos da indústria cultural. Quando é autêntica, costura os sentimentos de quem escreve com aqueles de quem lê, de um jeito que você se transporta para o autor e vira ele, porque ele quando escrevia transcendia em você. É um pouco complicado de entender, mais difícil ainda de fazer com a qualidade que Macário o faz, mas se apresenta simples aos olhos de quem vai descortinando o mundo escrito em

palavras que fazem voar imagens, lugares, sentimentos que te transportam para onde nunca foste como se lá houvesse nascido. Uma mágica, uma espécie de efeito especial no cinema da tua cabeça.

No mundo da alienação e do estranhamento, os produtos de nosso trabalho se distanciam de nós, se afastam, se objetivam e, por vezes, se voltam contra nós como poderes que nos subjagam. Muitos que irão ler estas páginas não conheceram ou conhecerão Epitácio Macário. Aqueles, como eu, que tiveram o privilégio de partilhar de sua companhia, poderão comprovar que suas crônicas nos chegam como se ele estivesse ali em frente nos falando com seu jeito calmo e profundo de arguto observador da verdade das coisas e das gentes.

Neste mundo e nestes tempos de coisas alienadas, a literatura é uma contra-tendência; ela nos chega como um produto humano que nos liga ao humano. E eis que uma relação social entre coisas assume a forma fantástica de uma relação entre seres humanos. Assim nos chega o livro de Macário, como o poeta citado, com o coração de menino e as portas abertas. Seja bem-vindo; entre, tome

assento. Não é um vendaval, é uma brisa leve, mas vai abrir as portas de tua casa e te fazer lembrar do menino ou menina que foste um dia e da pessoa que querias ter sido.

Mauro Luis Iasi

Rio de Janeiro, julho de 2016

Estação Primeira

O Cotidiano



Crônica de engarrafamento

A lagoa está silenciosa.

A superfície enruga sob a neblina que valseia, cortina ao vento.

Bailam leves e ritmados os galhos das poucas árvores que se miram no espelho.

Na outra margem, prédios de apartamentos espicham os olhos em sua imagem curva na água.

Trabalhadores encarcerados em ônibus e obrigações atravessam os vidros com olhares desejosos. Mergulham fundo na existência.

Outros, em seus carros, reparam o nevoeiro que estreitou os contornos do infinito e lançam seus carecimentos e ausências na vastidão da lâmina.

Uma mulher aproveita os pingos que escorrem no vidro para desaguar as incompletudes do amor cotidiano. E sonha com a leveza do voo das garças sobre as águas.

O trânsito é inerte.

Chove.

Diamantina

Diamantina/MG, setembro de 2015

A cidade é de pedra. Há um charme colonial, maduro, nas ruas que se insinuam. As curvas dizem qualquer coisa de feminino. O ferro também. As luzes são penduradas nas paredes do casario.

Tocaram “Asa Branca” com bandolim e outros instrumentos de corda, na madrugada. A melancolia propagou-se com a melodia, suaves. Depois era a lua redondinha na cumeeira do sobrado de três beiras. E meu coração ficou esperando o sol nascer.

SP: 7°C

Vila Mascote/SP, junho de 2016

Em São Paulo, o prefeito mandou retirar os colchonetes e cobertores dos moradores de rua para “evitar a refavelização das praças”.

Fazia frio. Os corpos contritos sofriam uma dor que vinha de fora, que vinha de dentro. As unhas já estavam roxas e os rostos, róseos. Um coração parou na madrugada. E, antes que o sol nascesse, vieram o furgão e os operários do lixo e levaram-no. Os companheiros não puderam se erguer sob as marquises. Eram caracóis, buscando agasalhos nas próprias peles. Nem choraram. Tudo ali era concreto demais para lamúrias e as lágrimas eram gelo.

Um homem passou e olhou a mulher trêmula aquecendo o filho, roxo. Tirou o sobretudo, o suéter e os envolveu, trêmulo. E mais uma vez sentiu que sua dor, que vinha de dentro, era tão pouca.

Gênesis

Era fim de tarde.

A oeste, uma densa camada gasosa cobria de neon toda a imensidão, enquanto o sol descia lentamente. A lua cândida aparecia do outro lado, tímida.

No leito térreo, um pequeno lago que a luz fugaz do astro rei afagava, reluzindo em cores diversas.

Em volta, o arvoredado ralo contrastava com o cinza da estrutura de cimento-armado que se erguia à frente. Uma brisa suave acariciava seus rostos e fazia esvoaçantes melenas avermelhadas que caíam sobre os ombros brancos, sardentos.

O olhar incerto e preguiçoso, que se propagava em ondas de ternura, chocava-se com o fitar firme, agridoce, dos olhos dele, que carregavam algumas perdas.

Hesitantes, entreolharam-se.

Fez-se um hiato no tempo e o que se ouvia era apenas a respiração ofegante.

Num gesto terno, ela tocou-lhe os lábios com seus finos dedos e murmurou algo. Depois, ele tomou seu rosto pequeno entre as mãos e beijou sua boca demoradamente.

Um orvalho morno escorreu em seus rostos, selando o início de tudo.

Professor *qualis* A

Às 18h29min ele chegou à sala, armou o projetor, conectou-o ao *notebook*, abriu o arquivo de *slides* e já começava a revisá-los, quando os arrastares de cadeiras romperam a paz do momento.

Sentiu uma vertigem, aquela de sempre, ao se erguer. Um lapso de escuridão e era como flutuasse, livre do peso da existência. Estranhamente, a projeção contava a sua história, passo a passo, e não já os conceitos zelosamente preparados no domingo passado.

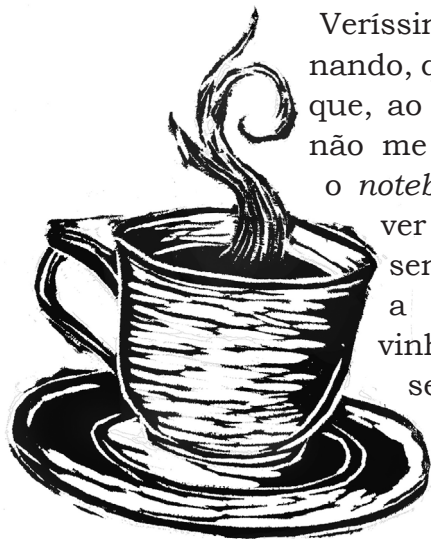
Viu sua evolução acadêmica, deslumbrado. Em média, quatro artigos por ano em revistas qualificadas, um projeto de extensão e um relatório de pesquisa financiada por agência de fomento.

No dia seguinte, não pôde acompanhar o pranto da esposa e filho ao ouvirem o capelão: “Eis aqui, Senhor, um bom homem. Pai dedicado. Esposo fiel. Bom cidadão e professor *qualis* A. Recebe-o em Tua casa e dá o consolo aos seus”.

Na semana seguinte, o substituto iniciou a aula com um minuto de silêncio, antes dos arrastares de cadeiras.

Tipo assim... um professor

para Teixeira e Thiago, dois professores



Veríssimo, o Luís Fernando, que me perdoe. É que, ao ler sua crônica, não me contive. Peguei o *notebook* para escrever sobre o último semestre letivo e a expressão que vinha à mente era sempre a que ele usou. Tipo assim... uma cópia!

Há dias sentia uma dorzinha, destas que não se sabe onde nascem, que percorria as costas, prolongava-se pelo ombro e descia até o braço. Ainda bem que não era o esquerdo!... O laudo da ressonância magnética indicou a existência de “protrusões disciais posteriores, de C3 a

C7, comprimindo a face anterior dural”; ou seja, uma dor medonha nas costas!

Mesmo assim, não larguei o batente, afinal 120 avaliações deveriam ser corrigidas e os mapas de notas tinham de ser preenchidos. E como qualquer filho de Deus, queria saborear o frescor da primeira madrugada de recesso sem a imagem daqueles quadriculos dos diários esculpida na mente. E ainda com maior ansiedade, almejava não ouvir os arrastares de cadeiras dos jovens estudantes que sabem — mais do que todos os outros seres humanos — que Filosofia não tem mais nenhuma serventia...

Depois de encarar por um instante a pilha de atividades, arrastei o trabalho do meio. Como me surpreendi em face da argumentação lógica com laivos de erudição vocabular! O texto esnobava na fundamentação, invocando Hegel, Schiller e que tais. Chegava mesmo a desfechar seguros julgamentos de *Los lunes ao sol* — filme de Fernando León de Aranoa, sugerido como objeto de reflexão — como obra do realismo crítico por condensar, nos tipos escolhidos, todo o drama da vida social contemporânea, a desefetivação do homem em favor de uma efemeridade reificada — e aqui recorria a Georg Lukács, o filósofo magiar.

Os sete trabalhos posteriores deixavam a mesma impressão, ainda que alguns exibissem cortes drásticos e descontinuidades. Noutros, se notavam certos gaguejos e tropeços. As ideias, entretanto, tão profundas e dolorosamente humanas, superavam os cacoes das escrituras que mais pareciam... tipo assim... um mosaico.

Estes textos, que nos fazem voar, intercalavam-se com outros mais descritivos e solenemente magnânimos na superficialidade, quase que mera reposição do enredo fílmico. Até que tropecei nalguns inescrupulosamente corajosos na defesa do *status quo* — este mundo ralo e áspero do capitalismo contemporâneo onde se desenrolam as tragédias dos cinco desempregados de Aranoa. Sem nenhuma agudeza, ambos denotavam certa indiferença em face de uma realidade... tipo assim... real. Aqui e acolá, um e outro exprimiam sinceros repúdios às mazelas da contemporaneidade, defendendo outro mundo... tipo... mais humano.

Ao ler este último lote, era como se os rostos porcelanas de todas as manhãs surdissem das letras, das linhas, do movimento textual. Eram eles, tinha certeza! “Ainda não

estou esquizofrênico. Sei que são eles"! E os primeiros, quem eram?

Recorri à entidade primeiro lugar em consultas nos últimos tempos, fornecendo as frases mais esdrúxulas — aquelas expressões filosóficas que, hoje, não têm nenhuma ser-ventia!? Colhi do Google, em PDF, um profundo ensaio sobre arte e sociedade. Tipo assim... encontrei a matriz que dera cria a uma filial, que fora cuidadosamente esquartejada e remontada, originando os textos mosaicos. “Não é que Filosofia ainda era útil!” — pensei.

Na sexta, devolvi os trabalhos. Até o vigésimo, colhi expressões cordiais porque estavam liberados. Os dezenove restantes sentiram-se profundamente ofendidos com a palavra “fraude” no lugar da nota. Uma jovem bem formada e de boa família chegou mesmo a soluçar: “professor... o senhor é mesmo... tipo assim... foda!” E chorou copiosamente, usurpando a solidariedade dos demais.

A cena provocou protrusões posteriores em minha consciência, somando-se às hérnias de disco. Depois de muito refletir, concluí que agi daquela maneira porque sou... tipo assim... um professor.

Natal no *campus*

para Lia Matos, professora e amiga

Quando a tropa invadiu o *campus*, uma nuvem tomou o nascente e cobriu de sombras a Cidade Universitária.

A noite tinha começado bela. A lua cheia derramava branda luz azulada sobre a copa das árvores. Os ipês vestiam-se de folhagem roxa e amarela, fora de época. As cercas vivas, que ladeiam os jardins da Reitoria, pareciam um tecido de chita. Era dezembro, de brisa paulistana.

No pavilhão central, estudantes, professores e gente da comunidade festejavam a posse do território. Alternavam discursos, música, teatro. *Clowns* tropeçavam nas gargalhadas da assistência. Um físico falava da apropriação da ciência pelas corporações e o aparte foi concedido a uma socióloga, que denunciou os tempos de autoritarismo e guerras. Alunos da escola de artes e militantes sociais revezavam, declamando Drummond, Pessoa, Benedetti...

Não que não se desconfiasse, mas o anúncio caiu como chumbo sobre as cabeças. Dos transmissores da rádio livre, instalada no alto do torreão da entrada, o locutor falou em voz pausada e pesarosa: “Amigos estudantes... Companheiros professores... Lutadores do povo... Com preocupação, anunciamos que um comboio militar acaba de adentrar o *Campus*”.

A fuligem pareceu condensar-se no céu e uma sombra cobriu o *Campus*.

Homens em formação de três colunas avançaram rumo ao pavilhão, acompanhados em terra por cães farejadores e, no alto, por atiradores de elite, num helicóptero.

No palácio do governo, cascatas de luzes resplandeciam numa festa preparada para a ocasião. O chefe da guarda recebia e transmitia às autoridades informações precisas sobre a operação “Natal no *Campus*”.

A luz foi cortada e a tropa já iniciava a desocupação, quando Maria, estudante de Pedagogia da Terra, entrou em trabalho de parto. Ao seu lado, José, liderança dos círculos bolivarianos e estudante de Agronomia, bradou: “Compañeros, necesito ayuda aquí. Mi hijo va a nacer”. E, exultante, arrematou:

“que él venga a vivir con dignidad y luchar junto a nosotros por la libertad!”.

Uma professora de Medicina rasgou caminho na multidão, dirigindo-se ao casal e gritando em tom imperioso: “Acendam as luzes! Organizem um círculo! Protejam Maria e José!”.

Lanternas e isqueiros foram acesos, formando imensa ciranda de luzes. Por fora, vis-à-vis com os coturnos, formou-se um tapete de mulheres deitadas ao chão. No centro, acalorada discussão entre a titular de Medicina, residentes, estudantes de Enfermagem e duas parteiras do povo que lá estavam. Os gemidos iam e vinham, ao ritmo das contrações.

Um soldado, com treinamento em primeiros socorros, desvencilhou-se do escudo e do coldre e correu para ajudar. Hesitando entre a honra e a obediência, o comandante suspendeu a operação e ordenou a retirada da tropa para a entrada do *Campus*.

Como num mistério, o nevoeiro desfez-se e a lua mostrou-se em toda sua majestade no centro da esfera celestial. Pendurada no firmamento, uma estrela solitária parecia querer beijar a terra. Do alto do torreão, o fato era transmitido para as comunas urbanas e assentamentos dos arredores da Cidade.

Não tardou para que a noite fria fosse invadida por caravanas que se dirigiram à Cidade Universitária. Os assentados da terra trouxeram frutas da época e ervas aromáticas. Os operários das fábricas ocupadas, tecidos de algodão. Dos currais da Faculdade de Veterinária, tangeram, até o local, um casal de bovinos e duas ovelhas.

Sinos já se faziam ouvir alhures, quando o relógio da praça central marcou meia noite. O tempo pareceu suspenso, tão profundos o silêncio e a inércia da assembleia. Era como aguardassem a realização da profecia. Foi quando a criança veio à luz, silenciando apenas quando a segunda se anunciou com estridente choro.

— Gêmeos! — gritou em uníssono a brigada que assistia a mãe.

Enamorado, José abraçou e beijou Maria. Depois, com a ajuda do soldado, ergueu as crianças bem no alto e proferiu: “Bienaventurados los hijos del pueblo, porque el futuro pertenece a ellos”.

A madrugada iniciou embalsamada com o cheiro das frutas, dos incensos e ervas trazidas de longe pelos lutadores do povo.

A assembleia fora restabelecida nas primeiras horas de vinte e cinco de dezembro.

E, quando os raios de sol atingiram o torreão da entrada, uma estudante de Jornalismo transmitiu em ondas curtas: “Com profunda alegria, anunciamos que a polícia deixou a cidade universitária e a assembleia declarou o *Campus* território livre. Informamos também que, a zero hora, Maria deu à luz duas crianças, filhas de José. Por decisão da assembleia, os bebês receberam o nome de Florestan e Maria de Jesus, filhos do povo”.

E toda a cidade acordou com a música *O Cio da Terra* transmitida pela rádio clandestina.

Como um girassol

Ontem contemplei a humanidade. Era sábado. Acordei com os galos e saí para caminhar.

Ainda na calçada, pegando ritmo, acompanhei três velhinhas. As de sempre, emparelhadas, segredando. Não que não quisesse ultrapassá-las, diminuí o passo por dever de respeito. Elas esperançavam uma cidade com amplas calçadas e pracinhas arborizadas; com jardins que podiam regar, no arrebol. À boca da noite, sentar-se-iam para conversar e assistir às cirandas de crianças na rua.

À frente, a fábrica de fogões que agora é igreja, a vila dos ex-operários e o muro cinzento protegendo da gente pobre porção de terra baldia. No emboço rústico, a inscrição em tom laranja “nada é impossível de mudar” encimava bem talhada figura de girassol. Dobrei a esquerda e segui rumo ao mar.

Na rua, mulheres dirigiam-se à feira com fardos de confecção, quando não puxando carros feitos de carcaças de geladeiras cheios de panelas de caldo de peixe. Em lar-

gos sorrisos, sublimavam lembranças da noite tenebrosa de corre-corre, de estampidos e do surdo tombar no beco. Mas lá estavam, cedo, em marcha. Pareciam intuir seu papel de portadoras do futuro, num presente de guerra. A mais jovem, disfarçando a pouca idade em ancas e molejos, cantava uma canção que dizia “do coração do homem que faz a guerra nascerá uma flor amarela” e as outras respondiam em unísono “como um girassol amarelo”.

Dobraram a esquina três homens, um jovem e dois de meia idade, em odores e vestes do velho curtume. Com seus corações de tinta e a mesma convicção das botinas contra o calçamento, desenhavam o futuro em vivaz discussão. Os carros dariam lugar a trens e bicicletas. As casas e alimentos chegariam a todos. No lugar das leis, prevaleceria a justiça. E a canção, agora ouvida em tenro som de rádio pelas frestas de uma janela, exclamava “já que para ser homem tem que ter a grandeza de um menino”.

O amanhecer anunciava-se com o aroma de café de densidade quase tangível na viela que dá para a praia. Na linha do mar, o astro rei apontava, irradiando esperança em tom laranja...

Como um girassol.

Dilemas

Era sábado. Acordei sentindo um sabor metálico. Uma secura infernal. O mundo ainda rodava. Na noite anterior, tinha bebido mais do que o necessário para esquecer. Só caí em mim na hora de pagar a conta, porque o garçom insistiu em me lembrar. Ainda latejava na mente aquele sentimentozinho de imprestável, descartável, vira lata quando não tem mais nenhuma para virar na rua!

Quando liguei o PC, lá estava uma mensagem remetida por: Vidência online. Assunto: Epitácio, sua vida vai mudar depois de ler esta mensagem.

Hesitei...

Materialista de carteirinha e agnóstico, desses que não reconhecem nenhum passo além daqueles dados por Galileu, Newton e Einstein na Física Moderna, conjecturei: “será spam? Abro? Astrologia?”.

No mais profundo do meu íntimo, ou, como diria Camilinha, lá no centro do fígado, duelavam o *senso comum* e a *cientificidade*,

ou, nas palavras da mesma jovem pensadora, o Tico e o Teco.

Abri.

A mensagem encheu a tela: “Mude sua vida agora mesmo. Responda às perguntas espontaneamente, sem pensar muito. Seja direto e objetivo. Depois clique em enviar”.

As perguntas eram gerais, do tipo: “você se sente feliz?”, “sofreu perda recente?”, “sente-se traído?”. Ao todo, preenchi uns cinquenta quadrinhos entre sim, não e mais ou menos. E enviei.

Uma mensagem piscou solicitando o número do telefone fixo. Encarei o monitor com aquele olhar de viés, como que fazendo pontaria, e tomei distância do objeto, como aconselham os sociólogos.

De novo, um duelo interno entre objetividade e subjetividade. De fato, não estava em condições de decidir. “Mas, não faz mal nenhum. Afinal, estou até me sentindo melhor por falar de mim... online!”, pensei.

Ao enviar o número, uma janela se abre com a mensagem: “Obrigado por nos deixar ajudá-lo nesse momento difícil. A consulta será debitada em sua conta telefônica. Em meia hora, a vidente Ana Conda disponibilizará o prognóstico”.

Foi o tempo de ir à cozinha, tomar um café com bastante açúcar e esvaziar duas garrafas d'água da geladeira.

De volta, lá estava a mensagem na caixa de *e-mail*:

“Senhor Epitácio. Os momentos difíceis põem sob prova o caráter do homem. No seu caso, será necessário mobilizar vigor moral, coragem e resiliência para superar a situação. A humildade em assumir parte da culpa pelo acontecido é prova de honra de sua parte. A traição é, de fato, algo doloroso e até dramático para os homens. Mas não desespere, pois nada é irreversível. Seu intenso desejo de voltar a situação de antes é prova indelével do amor mais sincero e puro. Por isso não o deixe esvair-se nas labaredas do ressentimento. Em futuro breve, sua amada retornará aos seus braços, se por isso lutar”.



Na sexta, eu tinha sido demitido.

Síndrome

Os homens sempre ficam meio sem graça na presença das ex-mulheres. Mesmo quando o encontro ocorre em espaço público e com muita gente.

Nestas ocasiões, elas fazem grande esforço para manter o sorriso aberto, aparentando estarem mais felizes do que antes. Desconfio mesmo que o cantor dos bares de sextas-feiras à noite executa “Olhos nos olhos”, de Chico, sempre atendendo a pedidos delas.

Pode até ser uma síndrome do ex-marido, mas há indícios bem reais em tudo isso.

Há vinte anos convivo com isto, de modo que já estou até me acostumando, mas há sempre aqueles encontros que acrescentam um *plus* nesse desconforto, como o que vou narrar.

A reunião aconteceu num restaurante bar da orla para comemorar o aniversário de uma amiga comum. Esta, executiva de uma empresa nacional, estava acompanhada de seu namorado, um engenheiro bem forrado. Ela, a ex, auditora do fisco estadual, ladeada

pelo digníssimo, homem de boa aparência e bom emprego, parecia muito à vontade com o frenesi dos garçons carreando pratos de encher os olhos, mesmo pequenininhos em termos reais. Eu e minha mulher, professores, comíamos parcimoniosamente.

Lembro-me muito bem de ter degustado uma boa taça de vinho ao tempo em que rasgava, com dedos e dentes, uma deliciosa codorna.

Conversa vem. Conversa vai. Sorrisos daqui. Afagos dali. Uma fofoca. E tome “Olhos nos olhos”, anunciado como pedido especial de alguém que não quer se identificar.

E a noite vai passando.

Às vinte e três, começou o ritual que precede a arribação.

Na cabeceira, a homenageada examinou um papelzinho por cima dos óculos. Depois, entregou-o para o namorado que, engenheiro, fez a adição e tirou a prova dos nove em trinta e três segundos. No meio da mesa, a fazendária agarrou o papelote e tirou o índice *per capita*; abriu a bolsa e apanhou um talonário de cheques. Minha mulher esticou-se à esquerda, interceptou a mensagem e, fingindo um cheiro no cangote, cochichou:

— Setecentos e cinquenta.
— O quê? — reagi, com olho espichado.
— A conta.
— Tá tonta? Nem bebeu!...
— A C-O-N-T-A, disse soletrando e virou-se para o público, sorrindo.

Fixei um horizonte distante e cantei interiormente “nan... nan... nin.. nan... nan”. Meu senso de economista me esgrimiou “toma, idiota!”. Pigarreei e me levantei para ir ao banheiro, antes da vertigem.

Olhei-me no espelho. Quase me esmurrei. Lavei o rosto.

Ao retornar, dei de cara com a ex escrevendo por extenso “duzentos e quarenta reais” na folha de cheque e fiquei acompanhando para ver se assinava. Assinou. Agonieei no pensamento: “Ah, ela agora não põe o dedo em cima de cada linha e nem reclama com o garçom. Que mudança, hein!”. Novamente o senso de economista me sapecava: “toma, idiota!”.

Ainda fitei seus olhos, perscrutando algum desconforto na alma. Nada. Ela esboçava uma mansidão absolutamente desconhecida. “Não pode ser a mesma pessoa!” — bufei, virando a cara.

Despediu-se efusivamente dos demais e dirigiu-se a mim:

— Meu velho amigo! Que satisfação encontrá-lo! Apareça, rapaz! — falou realçando o velho, adjetivando-o. Aplicou-me um beijo na face esquerda e, na virada para a direita, sussurrou:

— Deixei oitenta e sete reais e trinta e cinco centavos para você, companheiro. Tudo bem?

Meio perdido em cálculos e sorrisos, balbuciei:

— A satisfação foi... Sim... Claro... Valeu... Valeu mesmo. Tchau!

O digníssimo repetiu gesto com que me saúda há quinze anos. Naquelas circunstâncias, porém, o gesto ganhou outro significado:

— E aí, cabra? Quando aparece? — Falou beliscando e puxando o couro sobre minha costela mindinha. Embora sorrindo, faísquei um olhar abusado e me desvencilhei de suas garras.

Minha mulher desmanchava-se em afaços e minudências com suas pareceras: os vestidos, os brincos, a pele assentada... Tudo era objeto de elogios recíprocos. Segredou alguma coisa com a ex e me olhavam, rindo.

“Tá aí. Mancomunadas... Só o que me faltava!” — rosnava, dando passos à esquerda e à direita. Pigarreei forte perto delas e ouvi estes pedaços de frase de minha mulher:

— Sabe como é... homens... bá!

Fumacei.

Não vi sequer por onde saí do recinto. Meu cérebro rodava num liquidificador com hipóteses, números, regras de três. O desconto tinha acalmado meu senso de economista. O que me importunava agora era minha consciência política. “Se duzentos e quarenta estão para cem, então oitenta e sete estão para...”.

No calçadão, pedi caneta e papel na venda de cachorro quente e consegui a resposta: mais ou menos trinta e seis e meio. Eis a proporção. “Terá sido humilhação ou senso de realidade?” — vaguei no pensamento. “Onde foi parar o ideal de igualdade de gênero com o que ela azucrinou minha consciência há vinte e poucos anos?!”. Agora era minha consciência política quem sapecava: “toma, idiota!”.

Não podia conviver com tais dúvidas!

Na segunda-feira, recorri a minha filha. Solícita, ela me forneceu informações precisas: vencimento-base, gratificação por títu-

lação, gratificação de incentivo profissional, produtividade... Tudo colhido no holerite da funcionária da Secretaria da Fazenda, sua mãe.

Foi então que esclareci a dúvida com a qual dormia há três noites. Os valores pagos mantinham entre si a mesma proporcionalidade dos salários auferidos. Descansaram o senso de economista e a consciência política. Entrou em cena o senso de sindicalista: “Como pode? Temos o mesmo patrão. Sou doutor; ela, mestra. Deixa estar. Depois sapeco uma greve nos peitos desse governo desgraçado!”.

Pelo menos isso estava matemática e politicamente explicado.

E os gestos efusivos, os sorrisos esparlamados, os repetidos pedidos de “olhos nos olhos”, de Chico?

Pode até ser uma síndrome do ex-marido, mas baseada em fatos bem reais.



Questão de gênero

Visitei uma colega que sabe da opressão de gênero e dedica parte de seus esforços militantes a enfrentar o machismo e corolários opressivos.

Ela me apanhou numa parada de ônibus que fica em meio caminho. Já no carro, ela na direção, notei seu olhar faiscante para um senhor que a cortou e ainda soltou aquele sor-

risinho zombeteiro... Tinha interpretado que ele queria dizer assim “só podia ser mulher!”. Ela, também.

Devo dizer que ela é um pouco zangada, mas, também, diante de um mundo destes, qual mulher minimamente consciente de sua condição histórica não anda sempre p da vida?

Depois da cortada do carro, imaginem a rajada de críticas em tom elevado que ouvi, no restante do trajeto, contra “estas criaturas que por terem um saco entre as pernas se acham donos do mundo”.

Militante que convive cotidianamente com os mais diversos tipos de feminismos e com outros movimentos que acham, como eu também, que a opressão contra a mulher é um mal sedimentado na história que precisa ser extirpado, confesso que fui ficando meio inibido.

No banco de passageiro, comecei a olhá-la meio de viés e teve um momento em que senti câimbra nos dedos da mão direita, tão forte agarrava aquela maçaneta que fica acima da porta... Compreendem a situação?

Ela era tão incisiva nas críticas sociológicas ao machismo que me levou a xingar a própria humanidade masculina: “são uns es-

crotos!”. Só que ela me corrigiu: “você não deveria dizer somos?, porque, até onde sei, você não está imune a toda carga cultural...”.

Quando ela estacionou, saltei do carro com certa rapidez e soltei a exclamação: “ufa, chegamos!”, claro que com um sorriso.

Conversamos, tomamos café com pão e manteiga, tomamos uma taça de vinho tinto seco... Tudo preparado por nós dois, porque eu me imiscuí de jeito tão invasivo na cozinha dela que acho que ela mesma deve ter ficado preocupada. Furtei certos olhares dela me vendo abrir armários, pegar xícaras e pires. Acho que chegou a pensar: “será que esse sujeito está querendo roubar meus utensílios?!”.

Não. Não podia ser isto. É claro que ela percebeu meus esforços... E os valorizou!

Depois, ela me mostrou o apartamento: “aqui é o meu quarto, uma suíte. Aqui é o quarto do meu filho, um machistazinho de vinte anos”.

Percebi que ela fizera o quarto do filho naquele cubículo retangular que os agentes imobiliários nos mostram com um sorriso largo, fala sedutora e movimento de braços e mãos estendidos, apontando o recinto e dizendo — “aqui fica o seu escritório”! Chegam

mesmo, os agentes imobiliários, a se parecerem com o chefe de cerimônias do circo, anunciando a atração principal com seu velho “respeitável público!”.

Tenho livros e gosto muito de ficar noite adentro lendo com algum conforto. Por isto sempre acho um acinte a maneira de o corretor anunciar aqueles cubículos como “o escritório...”.

As roupas do jovem estavam muito bem organizadas em montinhos dentro de uma colmeia feita de MDF branco com bordas e testeiras azuis. A cama também estava bem arrumadinha, com uma manta xadrez. Havia uma cadeira e uma bancada simples. Reportei-me às celas de monges, tão austero o quarto que me pareceu guiado pelas ideias do ministro que está cortando tudo do orçamento federal¹. Um quarto “levyano”, eu diria.

No corredor, o banheiro social. “Social não, porque é só para ele!” — ela falou em tom meio severo.

Do outro lado, ela abriu uma porta e expôs: “olha o quarto da minha filhota. Esses móveis eu mesma encomendei, mas os deta-

¹ Refere-se ao ministro Joaquim Levy que iniciou o drástico ajuste fiscal no segundo governo de Dilma Rousseff.

lhes... está notando os detalhes?” — perguntou-me como quem desconfia da capacidade de um homem enxergar detalhes, e continuou: “os detalhes foram todos pensados por ela. Ali é o banheiro dela. Essa louça preta... foi a danadinha que quis assim. Ficou muito bacana, não acha?”.

Concordei, mas guardei a impressão de que vi uma questão de gênero ali naqueles quartos.

Tomamos mais um café e fiz questão de lavar as xícaras. Arrependi-me porque, além dos teréns que usamos, tinha uns lá sujos de pelo menos dois dias, enchendo a pia. “Que merda!”, exclamei em absoluto segredo.

Gentil, ela deixou que eu lavasse tudo, mas me acompanhou enxugando e guardando nos armários. Guardando não, às vezes ela arremessava os pratos com certa violência, sempre que os signos de nossa conversa tangenciavam a questão de gênero. E, cá entre nós, é difícil travar qualquer diálogo em que a discussão de gênero não apareça!

Não sou dado a continências verbais. Talvez por isso esteja escrevendo isto aqui. Sou danado para expressar o que sinto, muitas vezes nas situações mais incabíveis.

Então, na saída, ela me acompanhou e tomamos o elevador. Para as mediações entre a visita e a despedida, resolvi emitir alguns comentários elogiosos sobre o apartamento. “Achei tudo muito bonitinho!”, declarei sinceramente. “Você gostou? Jura!” — retrucou ela com timbre suave e uma doçura no semblante.

Meu inconsciente deve ter repousado um pouco na doçura do “jura?!” e sapequei esta: “o quarto do seu filho é que me pareceu muito pequeno e quente; o da garota não, é confortável!”. Não deu outra. Ela respondeu incontinenti, de certa maneira, asperamente: “os homens já são beneficiados historicamente. Temos de reverter isso em cada ato do cotidiano!”.

Fiquei no cantinho do elevador, esforçando-me para segurar, com disfarce, um olhar corajoso contra o dela. Quando senti o solavanco do elevador chegando ao térreo, apressei-me e fui logo me despedindo, alegando visitas em casa. “Tchau! Gostei muito da sua visita!” — disse ela.

Já na calçada, levantei os braços e fiz gestos tão efusivos que, quando o taxista parou e abriu a porta, foi logo perguntando: “pro hospital?”. “Não”, respondi, “siga em frente

por favor”. Apanhei o jornal no banco traseiro e li, com dor, a notícia do estupro de uma menina por 30 homens. Peguei, então, o telefone e liguei para minha amiga, perguntando se podia revê-la no dia seguinte. Senti o peso da reticência que ela fez e, depois, a firmeza do “sim, claro”. “Ok. Beijo!” — exclamei com o coração alegre.

Há Rosas

para Marinalva Oliveira

São elas, as rosas, que fazem os jardins com seus contrastes e viços, com suas cores e formas. E quando há orvalho, é ainda mais belo se escorrega em suas pétalas, no amanhecer.

São elas, as rosas, que na fragilidade aparente sintetizam a luz, o calor, os sais da terra. E nascem nas réstias do asfalto como a desafiá-lo, como a dizer-nos de uma esperança que brota no cotidiano cinzento, como a ensinar-nos algo além da força bruta.

Há Rosas outras, ainda, que, por serem sínteses, carregam o dom da continuidade. E já por isto, seu em-si olha o futuro e não desanima em face dos desmoronamentos dos instantes.

Algumas agarram o porvir com tamanha paixão, que se lançam às ruas, às multidões. Conduzem processos, entoam canções — às vezes de amor, às vezes de guerra! Estas são rosas para si, que só se encontram na lida com seus pares.

Como todas as Rosas, estas também sofrem... choram; pois, às vezes, o orvalho é ácido, como a injustiça contra os mais fracos. Como a saudade, distância que dói, por saber de um filho e doutro amor que reclamam seu colo, seu carinho.

Estas Rosas são sínteses, porém. E, como tais, sabem fazer o encontro do amor próprio e para com os seus com o amor pela humanidade.

Há Rosas entre nós.

Um di-a-típico

As tormentosas imagens não lhe davam tréguas, mal fechava os olhos. O sono era apenas vertigem inundada de tarefas deixadas, já fazia dias, para o dia seguinte. O tempo era liquefeito nos pingos do chuveiro roto. E a frase repicada mil vezes nos últimos anos a perfurar sua consciência: um dia a casa cai! Teimava em adormecer e sonhava com desabamentos. E quando desfaleceu profundo, não levou duas horas para o despertador tocar.

Levantou-se e cambaleou até o banheiro. Esfregou o rosto com xampu infantil, neutro. É bom para a pele e não irrita os olhos — lembrou-se do que dizia sua ex-mulher. Passou no quarto do filho adolescente. Puxou uma perna. Depois, a outra. Enfiou os dedos na densa cabeleira. Acorda, filho! Para a escola — foi o que disse.

Desceu as escadas, trôpego. Bateu com o dedo de unha cravada no batente. Acocorou-se quase em desespero. É um desgraça-

do um engenheiro que faz um negócio desse. Desgraçado e ladrão! — praguejou. Estava transferindo responsabilidades e culpas, sabia. Lembrou-se da cena de “Segunda-feira ao sol”, em que o juiz do trabalho interpela o sindicalista que quebrou uma lâmpada no pátio da empresa: a culpa é da lâmpada?

Recompôs-se.

Estancou na soleira da cozinha. Acendeu a luz. Olhou a pia entupida de pratos e costas de pães secos. Francesinhas faziam a festa. Primeiro os insetos... depois os camundongos, pensou interiormente. E, novamente, o eco na consciência: um dia a casa cai!

Lembrou-se do personagem de Denzel Washington, em “O colecionador de ossos”: o local do crime é tridimensional. Olhou o chão, depois as paredes e o teto da cozinha. Por onde começar? — interrogava a si mesmo. Viu-se diante de uma inaptidão bruta, aniquiladora. Invocou Goethe: no início é o ato. Recordou as cenas de sua irmã, operária, fazendo café, assando pães, arrumando pratos e talheres sobre a mesa, passando a farda do garoto e gritando por ele — levanta menino! Tudo ao mesmo tempo. Sempre achou que as mulheres eram goetheanas.

Tentou imitar. O leite ferveu e transbordou. Queimou-se duas vezes no cabo da caçarola. Topou mais uma vez com o dedo de unha cravada no pé da mesa. Desta vez não praguejou. A chaleira assobiava. O pão era dormido, precisava esquentar. Não vai dar tempo — pensava. Esfregou as mãos e lembrou-se de gritar: levanta menino, para a escola!

Tudo pronto. Com o pano de prato pendurado nos dedos, valseou defronte à mesa, à moda de um toureiro. Jogou o pano sobre a mesa e falou em voz alta: tá pensando o quê?

Subiu as escadas. O filho dormia profundo. Exasperou-se. Antes de agredir, se lembrou: é o sono da adolescência. Recompôs-se. Chamou com doçura: levanta, filhinho! Para a escola! Empurrou-o para debaixo do chuveiro. Demorou pouco. Estou pronto — disse o menino, e desceu as escadas ao modo de zumbi.

Frente a frente estavam os dois, à mesa. O filho não quis o pão quente, nem as frutas. Encheu uma tigela de cereal e leite gelado. O pai olhava a barata parede acima, inerte. O filho tinha atitude: arrancou do pé o tênis; sapecou na barata. O braço bateu na tigela. Foi leite e cereal para todo lado. Minha parede

azulzinha, pensou o pai. Criatura má! — gritou contra a barata, pensando no filho. Sua maldita! — emendou o filho e bateu a mão contra a do pai. Yah! — gritaram juntos.

Corre e pega o ferro. A outra farda está engelhada. Quanto mais esfrega a blusa, mais vincos aparecem. Tem problema não, pai, vai assim mesmo. Vamos embora, vamos embora. Correm para apanhar a mochila. Tropeçam um no outro. O pé do filho atinge o dedo de unha cravada do pai. Pé de boi! — exclama o pai. Riem juntos. Saem às pressas.

Da guarita do condomínio, desce uma prancheta pendurada numa corda. Olha as contas caindo dos céus — ironiza o filho. O pai examina os papéis, enquanto dirige. O filho dorme no banco de passageiro. O trânsito é lento. Um homem passeia na orla da lagoa como se não existissem cozinhas, baratas, roupas para passar, filhos adolescentes e unhas cravadas. Ele o inveja.

Chegam à escola. Ufa, chegamos! — exclama o pai, passando a mão no cabelo do filho, que desperta e se esquiva do carinho, armando um golpe de caratê. O pai quer descer, acompanhá-lo até a porta, com o braço em seu ombro. O olhar do filho é como exclam-

masse: tá doido, coroa! O pai lembra-se da psicóloga no encontro de pais e mestres: nessa idade, eles interpretam um carinho em público como um mico. O filho sai, bate a porta como se o carro fosse um trator de esteira.

Ele olha o relógio. Balança a cabeça. Não vai dar tempo — pensa.

A caminho do trabalho, liga o rádio. Ouve a notícia: parte do telhado do restaurante universitário desabou. Um estudante ficou ferido. Um dia a casa cai, exclamou em voz de pensamento. Ouve a presidente do sindicato dos professores: carreira, salário e política de acesso e permanência. É a pauta — pensou. Uma liderança estudantil também está na linha: queremos a universidade pública de qualidade; é direito nosso. Toca uma música popular que diz: “quantos são os negros na sociedade? / quantos são ministros? / professor, autoridade? / quantos na faculdade?”.

Chega ao *campus*. Caminha ligeiro para minorar o atraso. Os corredores fervilham. Vai ter greve, professor? — pergunta o tapioqueiro. Sei não, vamos ver — é o que responde correndo para a sala.

O tema da aula é “A doutrina social do neoliberalismo”. Expõe o contexto em que a

ideia surge e se propaga mundo afora. Mostra a concentração da riqueza, o predomínio dos capitais rentistas, o culto do livre mercado. Não fosse pelo fato de apenas três estudantes declararem ter lido o texto, a aula estaria perfeita. Senta-se um pouco. A tez brilha com o suor. Vai ter greve, professor? — pergunta uma aluna.

Antes de responder, retoma os pontos nodais da exposição que acabara de fazer. É preciso fundamentar — pensou.

É interrompido. Um grupo de quatro estudantes adentra a sala. O de fala clara e inequívoca expõe várias razões para não haver greve. É um movimento do passado com ranço de marxismo, coisa do século XIX — disse ele. Então, tudo está tranquilo, não devemos fazer nada? — pergunta uma aluna. Com certo sarcasmo, ele responde: só há tranquilidade na morte, mas os problemas que enfrentamos não se resolvem com greves. E o que devemos fazer, então? Que instrumentos devemos utilizar? — voltou à carga a aluna. Ele não titubeou: alocar recursos escassos para necessidades crescentes é um desafio; má gestão, eis o problema. Um aluno, que tivera lido o texto, interveio: mas a alocação dos fundos estatais

não é uma questão técnica; é política; vai de acordo com as disputas de grupos e classes. É quando a moça que distribuía os panfletos advogou: apostar sempre na força é um erro; o movimento nem procurou as autoridades para discutir e já vai falando em greve. Ele pensou em segredo: estão falsificando os fatos; há mais de ano, o sindicato tenta apresentar a pauta de reivindicações. Silenciou, porém. Sentado estava, calado ficou. Era pedagógico deixar o debate fluir entre eles mesmos — pensou.

A moça entrega-lhe um panfleto e saem os quatro. No papel está escrito em garrafais: MAIS MISES, MENOS MARX. E mais embaixo: Manifesto pela liberdade.

Ele quase se exaspera. Sai faiscando. Para o lanche — foi o que disse.

No corredor, o tapioqueiro inquire novamente: vai ter greve, professor? Ele olha o horizonte, impaciente. Respira. Olha fundo nos olhos dos jovens que se aglomeravam para o lanche e discursa com firmeza:

Há uma disputa hegemônica em curso nessa universidade. Misturam-se as purpuras das vertentes pós-modernas com o cheiro de naftalina do conservadorismo mais chão

que, revigorado, sai do armário, arregança as mangas e grassa nosso meio.

Enquanto falava, gesticulava como um pregador.

É uma pena que vivamos uma época em que as atrocidades de um sistema-mundo governado pelas leis vorazes do mercado sejam justificadas por supostas teorias científicas. O mais grave é que tais elaborações ideológicas ganhem audiência no meio dedicado ao cultivo do saber e da cultura. Parece até que se realiza o que um sábio homem uma vez me disse: quanto mais estudam, mais estúpidos ficam!

A voz dele continuava firme, mas ganhou um tom evocativo.

É um retrocesso que grita aos céus pedindo vingança essas doutrinas que dão um passo atrás, até mesmo em relação àqueles pensadores que, liberais, se preocuparam com a melhoria de vida das amplas massas do povo. É um crime o que se faz. Mas um dia a casa cai! — exclamou em tom emocionado.

O círculo era silêncio. Talvez susto. O tapioqueiro tinha suspenso o atendimento. Xícaras descansavam nas mesinhas. Alguns seguravam a tapioca à altura do queixo. Iner-

tes. Até a respiração parecia suspensa. Olhavam-no como se perguntassem: o senhor está bem? Foi quando o tapioqueiro indagou novamente e com uma suavidade à altura do olvide: quer dizer que não vai ter greve, professor?

Ele respirou e suavizou o olhar inquiridor. Esboçou um sorriso a que a audiência retribuiu com acenos de cabeça. Pediu um café com tapioca. Comeu.

Antes de sair, perguntou à moça que assiste o tapioqueiro se sabia indicar um salão onde se retiram unhas cravadas. Ela indicou.

Terceirização

O deputado discursou com emoção desconhecida. Tom e metáforas serpenteavam a libido, evocavam o Eros. E não se diga de exageros quanto a isto, pois ele vinha de meses de abstinência sexual pelo quanto e o tanto de esforços e empenho dedicados à matéria de sua autoria — na elaboração e, principalmente, na articulação política. As reuniões varavam noites e, quando se encontrava com a mulher, era na condição mesma de deputado: despachando em seu gabinete do qual ela era chefe.

É certo que algumas vezes ela se mostrou bastante abusada e irônica tratando-o por V. Excia., o que, no passado, até ali, ele reprochava com veemência. Durante aqueles meses, todavia, ele se encontrava em circunstâncias de tamanha falta de tempo que sequer percebia os avisos amarelos femininos ligados. Sua cabeça era só para a matéria de sua autoria e não podia gastar tempo com coisas pequenas, coisas de mulher.

Ele estava tão convencido da justeza de sua matéria que até na gestão da própria casa começara a aplicar seus fundamentos. A empregada, ele demitira e terceirizou os serviços. A condução do filho adolescente, para a escola, e da mulher, para a casa legislativa e para a academia, ele terceirizou. A alimentação nos fins de semana ele passou a encomendar no restaurante e dizia ter terceirizado. O barzinho, que frequentavam quando tinham tempo, ele mudou e escolheu outro com o nome “terceiro trago”. Não vira mais filmes nas noites de sábado com mulher e filho, preferindo o programa “terceira via”.

Estava obstinado. Abraçara com tamanha convicção os conceitos de “foco” e de “externalização de custos” que não conseguia dizer duas frases sem que essas ideias-forças lhe viessem à mente. Mesmo quando discursava contra o aborto e pela família arranjava uma forma de concluir com um bordão: “é preciso focar no segredo do negócio”.

Qual era, porém, o segredo?

A secretária e a dúzia e meia de assessores suspeitavam diante do que passaram a chamar, em linguagem técnica, de “mudanças de grande monta” na conduta da chefe

de gabinete. E era exatamente a secretária, que ultimamente tinha de acompanhar o parlamentar nas reuniões noturnas e até mesmo nas viagens para fechar acordo com lideranças estaduais, quem mais se preocupava com o jogo de quadris, os risos sedutores dela e envios de *selfie* no aparelho celular.

A secretária, fora ela também quem antecipou na mente, e espalhou rápido como fogo em rastilho de pólvora, a hipótese de que todas as mudanças tinham relação com as manifestações que ocorriam lá fora. Inclusive o uso do *jeans* que deixava a chefe em ancas, coxas e panturrilhas bem delineadas, além, “meu Deus, isso já é demais!”, do livro sobre Che Guevara, do volumoso “O homem que amava os cachorros” e doutro titulado “O segundo sexo”, que ela andava lendo. Tudo indicava grave infestação de ideias feministas e comunistas, ou no mínimo bolivarianas, dentro da austera casa legislativa. “É indecoroso!”, sapecou ela contra a chefe num encontro de corredores, como se quisesse tirar aquele arzinho de felicidade dos lábios carnudos, agora pintados de vermelho forte.

Mesmo que não se possa dizer da voz da secretária e dos assessores ser a voz do povo

e muito menos a voz de Deus, não se pode, também, elidir as bases materiais de suas hipóteses. A chefe estava diferente mesmo e tinha a ver com os protestos lá fora. Pois, já no segundo dia de manifestações, ela despachara pouco e gastara maior parte do tempo contemplando a passeata através da janela e um assessor jurava de pés juntos que a viu fazer um aceno delicado de mão para um manifestante de barba grisalha que carregava uma bandeirola com os dizeres “abaixo o PL 4330”. Noutra ocasião, já na segunda semana de seguidas manifestações, ela reagira asperamente contra o que se tornara um bordão secretarial — “gente sem classe!”, dizendo com uma pontinha de ironia: “Classe, eles têm e são conscientes disto. E é aí que está o segredo”.

O motorista contratado pelo deputado surpreendera-se também com a mudança de rota, pois nos fins de expediente — de expediente não, das manifestações! — a chefe preferia ir no sentido da Universidade de Brasília em vez da Asa Sul, onde morava e frequentava academia. Estranhou muito a mudança de tratamento, pois ela agora o chamava de camarada, tomava o assento da frente e despia-se do *blazer* antes mesmo de entrar. O

perfume que usava parecia mais forte, um almíscar amadeirado, que tinha um efeito perturbador junto com o ousado decote da blusa vermelha — ah, agora as blusas podiam até não ser vermelhas, mas eram sempre em tons quentes! — todas feitas como que para insinuar qualquer coisa de singelo, com delicadas tirinhas de renda arrematando o decote e esvaindo-se nas faces abauladas dos seios fortes — como a bruma! Não fosse terceirizado talvez até arriscasse um roçar de braço ao passar a marcha...

Não é possível dizer se o encontro no “café com letras” daquela tarde de quinta-feira fora orquestrado pela secretária, que era e se achava a terceira pessoa do gabinete. Difícil acreditar, todavia, em obra do acaso — ainda mais numa tarde daquelas em que a pauta legislativa era quente. E por que ela foi ao café-livraria com a autoridade parlamentar, é outra questão difícil de responder, embora fácil de supor.

O fato mesmo é que chegaram bem na hora em que o homem declamava “A voz do Brasil” do poeta Eliakin Rufino, para uma roda de militantes, e a mulher acariciava sua barba grisalha ao som de ruidosas palmas.

Não fosse o zelo pelo decoro parlamentar, de um lado, e a serena ousadia, do outro, tinha havido tapas. Ao invés, uma conversa dura com frases do tipo “baderneiro, comunistinha de merda!” replicada com ácida ironia: “o senhor não quer terceirizar tudo? Pois sua mulher declarou-se em contradição com o senhor. É a lei do terceiro excluído, lembra? Aristóteles...”.

E foi mais uma vez a secretária quem pôs ordem ao caos, conduzindo o deputado pela mão rumo à porta de saída, não sem antes sapear um olhar de desprezo para a chefe, acompanhado da frase dita com dentes cerrados “a terceira será a primeira”, e receber com um risinho meio doce meio sarcástico “os terceiros serão os últimos”.

Prova ontológica

Perguntado sobre o objeto da Ontologia, György Lukács não titubeou: o ser, o mundo objetivo, os entes que existem realmente. A tarefa do pensamento seria capturar e expressar esses entes, suas conexões internas, seu movimento, pois as categorias são formas de existência.

Mais adiante, quando a entrevista já tinha abordado o universo e seus arredores, os entrevistadores insistiram na questão, perguntando pela necessidade de uma ontologia no século XX. O Filósofo ironizou: vejam, meus senhores... Mesmo um matemático convencido de que as fórmulas abstratas não têm nada a ver com o mundo material, antes de atravessar a rua, pára e olha para um lado e para o outro, precisamente porque pressente um fato ontológico iniludível — de que um automóvel real pode atropelá-lo realmente e nenhuma fórmula matemática é capaz de subverter esse fato elementar da vida cotidiana.

Pronto! Estava resolvida a questão. Wolfgang Abendroth, Hans Heinz Holz e Leo Kofler não fariam mais pergunta desse naipe.

Parecem óbvias as respostas do velho húngaro. Não para dois internos de um manicômio. Eram duas autoridades científicas: um matemático e um físico.

O físico levou meses observando pela janela a projeção da sombra do muro sobre o jardim interno, enquanto o sol subia e a do prédio de três andares conforme o sol descia à tarde. Depois recolhia-se em números e risadinhas no cantinho da cela.

O matemático resmungava: “coisa de doido!”.

Numa noite, depois de extenuante trabalho cerebral, pulou sobre a cama do matemático aos gritos de “eureka!”. Tinha descoberto um método para calcular a altura do muro, sem que ninguém desconfiasse.

Os indícios nas paredes, que estavam todas marcadas com fórmulas, eram inócuos perante os guardas, psiquiatras e enfermeiros que olhavam como se fossem “coisa de doido”.

— Parto da segura premissa de que cada andar do prédio mede três metros e meio, disse entre risadinhas no ouvido do matemático que, a partir dali, passou a se interessar.

“De fato”, pensou o matemático, “partindo-se da premissa de que um prédio de três andares, medindo cada um três metros e meio, projeta uma sombra X sobre a área externa, é possível deduzir a altura do muro comparando a projeção de sua sombra Y sobre a mesma área”.

Nos dias seguintes, eles estiveram sempre juntos nos passeios para tomar sol.

Caminhavam em linha reta, da parede ao muro e vice-versa, contando os passos. Cochichavam. Riam umas risadinhas zombeteiras olhando de soslaio para os guardas, os psiquiatras e os enfermeiros. Depois se recolhiam em cálculos nas paredes da cela, transformando pegadas em polegadas e estas em centímetros e metros.

Foram meses de cálculos e testes das hipóteses até chegarem à verdade: o muro media quatro metros.

Desde então, todo o esforço se concentrou na elaboração do plano de fuga.

Era necessário surrupiar lençóis das celas vizinhas para formar uma corda de oito metros, com nós de metro em metro, que facilitasse a escalada do muro e a descida segura do outro lado.

Quanto a isto, abriu-se uma longa discussão ética que durou quase dois meses, pois afinal eram cientistas e não ladrões. A querela ganhou ares escolásticos e findou-se quando o matemático, então mais entusiasmado com o plano do que o físico, vaticinou numa dada manhã:

— Deram-nos por loucos e, portanto, somos incapazes. Como tais, não recai sobre nós o imperativo ético do “não roubarás”. Vamos pegar os lençóis!

Era preciso providenciar um contrapeso que seria amarrado à ponta da corda e arremessado para o outro lado do muro. Quanto a isto, levaram dias calculando o peso do banco de madeira do jardim até concluírem que sua massa X exerceria uma força Y correspondente ao peso do físico, que era franzino. Já o matemático faria desde já uma dieta radical.

Tudo planejado e arranjado, o físico concluiu: o matemático iria até o jardim, ataria a ponta da corda ao banco e o arremessaria por cima do muro. Só então o físico correria para lá, escalaria primeiro e esperaria o matemático do outro lado.

Quanto a isto houve grande discussão, porque o matemático começou a reclamar de estar sendo usado pelo físico. Este, no entan-

to, retrucava dizendo que os matemáticos têm rostos inocentes, mas os físicos despertam muita desconfiança.

— Lembra da bomba? — perguntou em cochicho, e o matemático convenceu-se.

Chegada a hora erma, o matemático correu até o jardim, atou a ponta da corda ao banco, olhou ao redor e não viu viva alma. Caminhou até o lugar onde estaria o muro e ficou horas zanzando.

O físico observava e se contorcia em pensamentos “joga a corda, doido!”.

Passaram-se duas horas de angústia e o matemático retornou à cela com semblante derrotado.

O físico avançou sobre ele, pegou-o forte pela abotoadura da camisa e perguntou por entre os dentes:

— Ficaste doido? Por que não arremesaste a corda?

O matemático respondeu com sua cara de inocência:

— Eu descobri que aqui não tem muro.

O físico retrucou:

— Sendo assim, não tem como fugir.

— Isso mesmo.

Os dois se abraçaram num gesto de solidariedade.

Enquanto há vida

para Lurdinha, minha irmã



Minha irmã, que é três anos mais nova que eu, fez o café e duas tapiocas. Comeu ambas.

No computador, entregue à leitura do capítulo quarto do livro um de *O Capital*, nem percebi o fato. Claro que tive presságios pelos vultos dela indo da pia ao fogão e deste à mesa... e aquele cheiro de café fresco. Continuei, porém, absorto na leitura.

Meia hora depois, fiz aquele movimento automático de olhar por cima da tela do *notebook* e passar a vista pela mesa, varrendo também o fogão. Sem nem me olhar, ela lançou a pergunta:

— Tu querias? — ao que respondi em dicção cearense:

— Queria não... Quando chegaste, eu já havia tomado café. Mas foi com esse bolo re-

melento, que me faz um mal desgraçado por causa do açúcar!

Os vultos se repetiram e, em menos de dez minutos, duas tapiocas e um café fresquinho sobre a mesa. Achei que eram para mim e comi.

Esfregando não sei o que na pia — ela sempre age com os alumínio como se tivesse longa experiência em polimento — ela lançou umas palavras no ar.

— Eu acho que o Zezé já tá completando 65 — ao que eu retruquei:

— Sendo assim, a Zefinha completa 64. Depois deles dois, são os que morreram?

— São. Mas é só ir descendo que chega logo em ti.

Dei-me conta da minha idade. Quase cinquenta. Recordei-me do bordão de uma novela que dizia “cada mergulho é um *flash*” ao evocar o fato de que nossos pais tinham um filho quase todos os anos. E continuaram na lavra até que a “máquina enguiçou”, como o velho às vezes caçoava.

Minutos se passaram sem nenhuma palavra. De som mesmo, só o dos carros lá fora, o chiado da água da torneira, o tilintar de pratos e talheres e o zumbido maquinal da geladeira. Depois, chuuáááá... o balde d'água rebola-

do no piso da área. E um lembrete que teve o peso de chumbo sobre minha abstração:

— Tem que desentupir esse ralo aqui. Eu já avisei faz um mês!

“Caramba, ela tem que lembrar disso tão insistentemente” — pensei comigo e me remeti a outra situação.



Lembrei-me de outra vez quando a mulher que trabalhava em minha casa quase destruiu minha autoimagem e a do meu filho adolescente. Sinceramente, ainda acho que sofri grave violação de direitos humanos! Que dizer de meu filho, ainda no alvorecer da personalidade!?

Nove horas de uma segunda-feira. Eu e ele ainda dormíamos. A bem da verdade, eu já tinha acordado e só estava mesmo vagando em pensamentos enquanto me balançava de leve na rede, porque sou danado para ficar tonto. Aí ela chegou e foi logo naquele frenético vaivém do rodo embrulhado com um pano por baixo das nossas redes. Percebendo que aquelas cutiladas que sobram no mucumbu da gente não nos incomodavam tanto, bradou:

— Não vão levantar, não!? Hoje é segunda-feira! A mulher já está lá na repartição trabalhando e esses machos dormindo!

Confesso que nunca esperava que aquela trabalhadora fosse capaz de provocar tamanha sensação de culpa no mais profundo do meu interior. Fiquei sem fala. O pior foi quando olhei para a rede de meu filho e seus grandes olhos negros sinalizavam ter assimilado a pancada. Ele disse:

— É mesmo, pai! Vamos levantar, não é?!



Resolvi adiar o conserto do ralo, asseverando que do dia seguinte não passaria, ao que ela reagiu com um típico balançar de cabeça. “Será que ela está duvidando de minha palavra!?” — divaguei em pensamento. Depois voltei ao assunto da família:

— Mas... E a Margarida, completou quantos?

— Ela não é depois do Nonato e do Zezinho?! Então, são 55.

Fiz umas contas de cabeça. “De fato, porque eu já estou chegando aos cinquenta e tem uns três ou quatro entre mim e ela” — pensei.

— O ruim — disse eu — é que envelhecemos todos ao mesmo tempo.

— Não vejo problema nisso, respondeu ela e depois chuáááá... outro balde d’água

suja rebolado no piso da área de serviço. E o registro do ralo entupido novamente.

— É que quando começarmos a morrer será como efeito dominó. De lá para cá.

— Otimista, hein?! Não esquece que tu és o mais novo dos homens, mas és também o de saúde mais frágil!

Gelei. Mergulhei em profundo silêncio, enquanto ela pregava que só em Deus é possível encontrar o sentido da vida, esfregando o chão com um rodo enrolado num pano encardido... sem nem me olhar.

Quando tentei retornar à terra, li na página aberta que o valor “se distingue de si mesmo como mais-valia, assim como Deus Pai se distingue de si mesmo como Deus Filho, e ambos são da mesma idade e constituem uma só pessoa... assim que é gerado o filho e, por meio do filho, o pai, desaparece a sua diferença e ambos são unos”.

Levitei novamente...

Foi quando ela falou do ralo entupido de modo mais imperioso e... chuááá... rebolou outro balde d’água suja no piso da área de serviço.

Voltei ao chão.

Sobre entidades

Há pessoas que carregam entidades consigo. Fui incrédulo quanto a esta verdade até bem pouco tempo, apesar de desfrutar da amizade de uma professora que já me surpreendeu várias vezes com a cara de susto por ter sentido (aliás visto, conforme diz) algo passando pelo corredor, às vezes sobreposto às outras pessoas ou nelas pendurado, sem que eu consiga divisar coisa alguma.

Uma vez foi na livraria. Tomávamos café e folheávamos livros. Ela, um clássico da educação infantil. Eu, “Tempos difíceis”. Houve um momento que ela ergueu a vista e fez uma cara de espanto ao ver(?) algo, “uma sombra, uma silhueta” disse ela, sobreposto a mim. Arrimado em quase a totalidade do meu conhecimento em Física ironizei: “subversiva essa sombra, hein?! Ela consegue posicionar-se entre a luz e o corpo que a reflete”. Ela rebateu: “estava aí nesse instante, rapaz! Eu vi. Parecia um homem de cavanhaque longo e cabelos espetados ladeando uma careca bem

definida, trajando um sobretudo preto”. E depois repetiu três vezes num tom que a mim me pareceu ameaçador: “era uma entidade”.

Diria que fiquei de inquieto a assustado. Cheguei a conjecturar intimamente, mesmo quando a conversa ganhou outro rumo, se não seria o próprio Charles Dickens que comparecia à cena, invocado pela força do meu pensamento lendo-o. “Ora, mas um espírito de tamanha grandeza não iria atender a um chamamento meu, assim de primeira”, pensei, usando minha experiência de sindicalista habituado aos sofríveis rituais para ser recebido por uma autoridade, mesmo quando o poder desta tem como base apenas o fato de estar ali, no cargo — como os bois, deitados no meio das estradas de piçarra, ruminando noite adentro, impedindo a passagem do carro.

Para completar, um amigo, que é físico teórico (eu não sei se existe outro tipo de físico!), sentou-se à mesa e nos embrenhamos numa discussão sobre o que chamamos matéria. Ele expôs algumas premissas da Física Quântica que, se por um lado corroboraram a existência da matéria, por outro me fizeram encarar meu materialismo *cun grano salis*. Saí dali pensando nas diversas possibilidades

de fenômenos físicos serem desencadeados pela mobilização de ondas energéticas, ainda mais quando tratamos de descargas cerebrais — qual é o limite do possível?



Na infância, eu mesmo presenciei situações que levavam a crer no que, em geral, chamamos de entidades.

Numa noite, minha mãe acordou, chamou meu pai, que dormia numa rede na entrada da porta — os homens sempre mobilizam as mais diversas táticas para vigiar seus tesouros! — e disse, apavorada:

— Quem era esse homem que entrou aqui, deitou-se comigo e saiu logo em seguida?

— Não era um dos meninos, mulher? — indagou o pai.

— Não. Era um homem adulto. Os pés eram grandes.

Lembro-me do salto que ele deu e de como agarrou seu facão *Collins* de dez polegadas que ficava na cadeira ao lado da rede e sair porta afora pronto para degolar qualquer criatura, deste ou doutro mundo. Voltou logo depois, calmo. Não havia ninguém. Ela, a mãe, derretia-se em lágrimas e afirmava:

— Era compadre Januário. Aconteceu alguma coisa. Era ele!

O rádio, que ficava numa mesinha mal talhada de pau d'arco, anunciava zero hora do dia 12 de agosto, ao som de Luiz Gonzaga.

Duas semanas depois, num final de tarde embalado a chocalhos e cantos de acauãs, uma Rural Willys branco-azul parou no aceiro do terreiro. O motorista desceu e indagou:

— Casa de seu Raimundo Macário?

— Sim senhor — respondeu meu pai, saindo porta afora.

— Correspondência do Maranhão, meu bom senhor — disse o homem, que ficou parado em meio caminho, enquanto meu pai atravessava a cancela do peitoril e caminhava em sua direção.

A mãe, que também estava no alpendre, fez caminho inverso, indo até a cozinha e, depois, para o quintal. Acompanhei-a e ouvi suas preces ao Pai para que acolhesse compadre Januário sob a luz de Sua face. Corri para o terreiro de fora, a tempo de ouvir a leitura da carta por um dos irmãos: “com dor no coração, comunicamos a morte de Januário. Às onze e cinquenta e cinco minutos da noite de onze de agosto dormia tranquilo quando foi chamado por Deus, a Quem rogamos que lhe dê a paz eterna”.

Uma das irmãs serviu café ao motorista e o pai foi até o quintal. Abraçou forte a mãe, enxugou suas lágrimas, enquanto exclamava assustado:

— Você sabia! Você sabia!



Fato é que minhas experiências de infância, as visagens que minha amiga vê e as discussões com o físico perturbaram minhas convicções.

Desta sorte, certo dia, estando no aeroporto pronto para viajar, passei mal e me vi cara a cara com entidades. Claro que, sendo a primeira experiência, eu ainda não sabia que eram elas. O que eu sentia era como algo que se apoderara de mim, desatava uma angústia inaudita, instava que eu corresse em disparada, escurecia minha visão e tornava as pernas trôpegas. Eram forças contraditórias, como tudo no movimento da natureza, o que me levava a crer que havia incorporado mais de uma entidade e que elas estavam em conflito.

Quando o médico chegou, pressionou meu pulso com o indicador e o médio, pendurou no anelar um instrumento parecido com um pregador de roupas, fez um movimento horizontal com a mão direita defronte dos meus olhos, perguntando quantos dedos eu via.

— Dois, doutor. Foi esta a minha resposta que por pouco não saiu acompanhada de — nesse momento meu problema não é de visão, doutor!

Gentil, ele se dirigiu aos enfermeiros auxiliares:

— Saturação boa, mas a pressão está no pico. Levem-no ao ambulatório.

Chegado ao dito ambulatório, ele receitou um comprimido pequenininho que deveria ser absorvido devagarinho e com paciência embaixo da língua. Lembrei-me dos rituais para fumar um baseado ou comer a Hóstia sagrada. Enquanto o comprimido desmanchava na saliva, fui melhorando, mas a consciência repicava: será que entidades se apoderaram de mim?! Vinte minutos depois, o médico retornou, examinou o monitor no qual eu estava plugado e disse:

— Tudo bem agora. O senhor já pode viajar. Chegando em casa, procure seu médico. É bom checar o coração. E cuide do espírito, professor!

A consciência lia a frase na velocidade da luz, mas estancava no “cuide do espírito, professor”! “Pronto! É um espírito! É uma entidade!”, pensava insistentemente. “Bem

que minha amiga disse! E eu fiz pouco caso! Idiota!”.



No dia seguinte, não contei pipoca. Fui ao clínico e também a um psiquiatra que conheceu em situação inusitada descrita em *Surtados*. Ele me passou a mesma impressão que tive da primeira vez: a barba por aparar, o jaleco verde amarrotado, os olhos fundos e arregalados por trás dos óculos de armação grossa preta, gestos maquinais, a boca muito seca e uma ironia sórdida. O que mais me prendeu, entretanto, foi a inteligência e profundidade das questões que me propusera e a forma inquisitiva com que se dirigia a mim, que mais parecia um insulto.

— Desta vez o paciente é o senhor mesmo, não é professor? — perguntou em tom irônico, reportando-se ao jocoso primeiro encontro. — Então, conte o que está sentindo.

— Estava no aeroporto de Brasília, doutor, e comecei a passar mal — iniciei a narração, mas fui logo interrompido:

— Mas também, professor, o que foi fazer em Brasília em tempos tão difíceis? Acha que vai ter *impeachment*? O senhor é a favor, contra ou muito pelo contrário?

Confesso que não gostei do tom irônico com que pronunciou o “muito pelo contrário”

e relatei brevemente a situação da greve da educação federal. Falei da truculência policial contra os manifestantes, do conjunto de projetos de leis que mudam a natureza dos direitos em favor da lógica privada. Citei com destaque as reformas que se pretendem realizar na educação nacional, inclusive a estúpida ideia de proibir discussões políticas e de cunho ideológico em sala de aula.

— O Congresso está cheio de estúpidos, de bárbaros, doutor! — sentenciei, ruborizado.

Eu não sei se os temas por ele suscitados tinham esse interesse, mas era como se quisesse insuflar minha raiva em face da situação atual do País. Se fora, conseguiu, porque me exaltei algumas vezes. Sua atitude era inquisidora: parecia querer ouvir-me pelos olhos, tão fixos eram nos meus, ou “pode ser meio surdo e estar fazendo leitura labial” — pensei da mesma maneira como a primeira vez.

Colhida minha reação, ele estendia o braço à direita, passava duas folhas de um bloquinho, anotava três ou quatro palavras e deixava cair de volta as folhas dobradas. Mesmo com o pescoço esticado, eu não conseguia ver o que ele escrevia por trás das folhas dobradas e me esmerava para decifrar,

acompanhando os movimentos de seu punho. Em vão. Num dado momento, a única vez que projetou um olhar rumo ao vazio, disse:

— E pensar que duas gerações de militantes, como o senhor, foram despedaçadas pelas próprias forças políticas que criaram. Que ironia da história, não é, professor!

— Pelo menos fomos às ruas, doutor. Sonhamos um sonho possível. O que se vê na história recente é um dos mais impressionantes casos de transformismo de forças políticas populares.

Ele assentiu com a cabeça, o olhar fixo no meu. Viu que me irritara, mas também que percebi sua jogada: dirigiu a mim uma ironia que cabia a si mesmo, pois certamente fora homem engajado nas mesmas lutas. Como de fato fez lembrar que todos da nossa geração, “os que fomos às ruas e sonhamos um sonho possível” disse, repetindo o que falei, sofrem os “tempos difíceis” do presente como ninguém.

Relatei brevemente o atendimento pelo médico do aeroporto. Disse-lhe das duas disciplinas de graduação e uma de mestrado que ministrou na Universidade. Falei-lhe do projeto de pesquisa que coordeno e da militância

no sindicato dos professores. Ele continuava anotando, vez por outra, umas palavras no bloquinho, o que me deixava cada vez mais ansioso. Foi quando ele resolveu cortar minha fala:

— Está bem. Entendi. O senhor deve levar serviço para casa e nos fins de semana deve ter reuniões no sindicato. O que o senhor faz além disso, professor?

Fiz aquela cara de paisagem ou de cachorro que cai de caminhão de mudança. Não foi fácil encontrar a resposta. Depois de um hiato, lembrei-me de duas caminhadas que fazia por semana, quando restava tempo, e também de um forrozinho que tinha ido fazer... Bom, deste eu não conseguia mais me lembrar. Falei-lhe do abandono da leitura despreziosa, dos formulários que tinha de preencher na universidade para comprovar que estava trabalhando. Falei muito mal do *lattes*.

Ele ouvia como quem, de fato, entendia o peso de minha narração. Quando terminei, ele disse:

— Vamos tratar a ansiedade. Não sou a favor da “medicalização” da vida, mas o senhor precisa de um tempo para restabelecer seu equilíbrio.

Anotou o remédio com uma letra indecifrável, apertou minha mão e, quando dei as costas, advertiu:

— Cuide do espírito, professor!

Suas palavras quase furaram minha consciência. Minha reação foi automática. Vi-rei de supetão, arregalei os olhos e fitei firme os dele; me aproximei e inclinei-me sobre a mesa. Ele ainda estava de pé, mas foi sentando devagarinho. Seu gesto aparentou medo. Falei-lhe bem de perto, quase cochichando:

— O senhor acredita em espírito, doutor?

Ele esboçou um sorriso sem graça e disse:

— O senhor sabe do que estou falando, professor!

Foi então que confessei. Disse-lhe do quanto minhas convicções, antes límpidas, estavam turvas, depois das visagens de minha amiga, da conversa com o físico (teórico!), das recordações do que presenciei na infância. Do que senti no aeroporto que era como se tivesse algo dentro de mim... Depois, falei firme num tom mais elevado enquanto me sentava de volta na cadeira:

— Doutor, será que estou incorporando entidades?

Perspicaz, ele aproveitou a vantagem instantânea naquilo que mais parecia um duelo e sapecou com sórdida inteligência:

— Sim, professor. Acho que o senhor carrega três entidades — e ficou me olhando como se quisesse briga.

Meu sangue ferveu. Esbocei no pensamento “esse feladaputa!” como se diz no Ceará, mas tinha sido derrubado. Serenei. Desviei o olhar. Depois olhei-o de volta, desta vez distanciando-me dele, que tinha ganhado terreno sobre a mesa.

— O senhor pode falar das entidades, doutor? Ou são apenas hipóteses? — perguntei, disfarçando o calafrio que me corria o corpo.

— O trabalho e o sindicato, professor. São duas entidades. Se deixar, elas tomam conta da vida. E a pessoa adoce!

— Nossa! — exclamei e bati o punho contra a mesa. Só podia ser algo material. Eu sabia!

Aí nos embrenhamos numa discussão sobre psicopatologia do trabalho, invocando Christophe Dejours e que tais. Falamos de Burnout e síndrome do pânico. A conversa ficou tão boa que cheguei a invocar os versos de uma canção “todos temores nascem

do cansaço / e da solidão” ao que ele reagiu, dizendo para não confundirmos ciência com poesia, e eu trepiquei invocando o conceito de *poiésis*... A conversa parecia coisa de amigos, tão à vontade eu estava... aliviado. Mas ele precisava atender outro paciente e me estendeu a mão dizendo:

— Até logo, professor! E cuide do espírito!

Quando ia abrindo a porta do consultório, lembrei-me de sua frase “acho que o senhor carrega três entidades”, mas tinha citado apenas duas: o trabalho e o sindicato. Então virei-me novamente e fui retornando. Desta vez ele ficou de pé por trás da mesa e da cadeira. Assustado, porque é sua cara normal. Eu estava calmo e perguntei sobre a terceira entidade. Ele respondeu:

— O senhor mesmo, professor. A existência. Todos carregamos seu peso. E quando começamos a incorporar entidades, ela fica mais densa. É preciso cuidar dela. Dedique tempo a outras coisas. Cuide do espírito, professor! — falou, desta vez com magnanimidade.

Eu saí pensando sobre trabalho, lutas sociais e existência. Fui direto a um café onde sempre encontro uns amigos.

Estação Segunda

A Vida



Luta de classe

Iara Moura
para meu pai

Os garotos se reuniam logo após o almoço naquela hora em que a preguiça dói no corpo como doença. Não tinha escapatória. No alpendre da casa de alvenaria, cor verde desgastado, os tamboretos de madeira formavam um círculo. Quem olhasse de longe supunha que estariam agachados. Ali onde os ponteiros do relógio se encontram sentava-se Mestre Piau. As vestes gastas acinzentadas tinham um quê aristocrático, embora os sapatos estivessem encobertos de lama e o chapéu levasse um rasgão que deixava à mostra a careca. Logo que apontava na cerca, a algazarra dos garotos cessava. Bem penteados, tomavam as cartilhas e os lápis em mãos. Incorporavam uma seriedade artificial e respondiam com um balançar de cabeça ao cumprimento do mestre. Os três franzinos



vestiam camisa bem passada branca e bermudas. O quarto destoava do fardamento com bermudas florais “colcha de cama”. Era o filho caçula do seu Raimundo Vitô. Como não tinha forças para acompanhar os outros na roça, a mãe o encaminhara às lições. Por ele mesmo iria à cata do feijão e do algodão, quem não deixava era a perna, que insistia em lhe doer ainda mais nas horas primeiras da manhã.

Dali a pouco viria Mestre Piau cobrar a tabuada ou pedir-lhes que ditassem um daqueles ajuntamentos de letras enormes que não passavam de palavras, porque coisas mesmo, de comer ou de brincar, não eram. Paraguai. P-A-R-A-G-U-TREMA-A-I. Onde será que ficava aquele lugar? Decerto pelas bandas de Fortaleza, onde tem as coisas maiores, as TVs. “Epitácio. Comece a leitura da lição”. Mmmamá, má, ri, ria e José...

E ali gastavam a tarde toda. Às vezes tudo passava sem dramas, mas o mais comum era a sucessão de castigos, vexames e palmatórias. Luís, o caçula do fazendeiro, era um tormento. Não conseguia juntar letra com letra e não falava o “r”. “Rato” ele conseguia até dizer, mas “aroeira”... Esse “r” que a língua dança, sabe? Não tinha jeito.

E vejam só o destino. Mestre Piau não se dava o trabalho de castigar ninguém. Se sucedia algum erro a um dos estudantes, outro colega era encarregado de usar a palmatória. Era ainda pior. E Luís não tinha jeito e ainda levava azar. Quando a leitura chegava nele, era sempre em frases com muitos “erres”, vírgulas e exclamações. Estas coisas que não se sabe para que servem. E Mestre Piau não era de aceitar coisa pela metade. Exigia pronúncia, impositação, entonação... Impacientava-se e passava à frente. “Epitácio, leia a frase corretamente”. Aí era aquele alvoroço, os outros riam entre os dentes, enquanto o suor escorria pela testa do algoz. “Como é que eu vou bater no filho do fazendeiro? Se o pai sabe disso, tô lascado!”. Ao mesmo tempo, enchia-se de um orgulho mesquinho. Ficava ali aqueles trinta segundos hesitante e, depois, de sangue quente, não perdoava a palmada. Fazia-o, claro, com uma cara de quem cumpre uma tarefa nobre, soldado no *front*. Chegava bem perto e encarava a vítima com olhos de falsa compaixão. Luís mareava os olhos, mas não chegava a chorar. Ainda que fosse pequeno, o orgulho não permitia tamanha vergonha. Os irmãos se compadeciam e baixavam os olhos,

mas não ousavam tomar partido. Mestre Piau não aceitava rinhas em sua presença.

Quando o sol começava a baixar, acabavam-se as lições. Mestre Piau apanhava a bicicleta e saía no rumo da cidade. Sempre vinham as senhoras insistindo que ele ficasse pro jantar; mas ele mesmo é que não queria se deixar nem mais um minuto naquele fim de mundo. E se desculpava: “fica pr’uma próxima vez Sinhazinha, sabes que do Riacho do Gado pra Tamboril ainda levo umas léguas...”. E sumia na curva do juazeiro.

Os garotos iam banhar-se e faltar-se de galinha caipira, arroz, pirão, feijão. Epitácio seguia pra casa do outro lado da cerca. À medida que se afastava, o cheiro gostoso da galinha sumia. Quando cuidava, a mãe já tava lá no oitão chamando por ele. O pai e os irmãos voltavam do roçado. De casa vinha o cheiro do angu de farinha. Depois do jantar segredava aos irmãos o episódio da palmatória. Os corpos graúdos estafados do trabalho tremiam de tanto rir em surdina. Sentiam-se devidamente vingados e dormiam.

Consciência de classe

para meus irmãos e irmãs
para as famílias de trabalhadores

Quem tem uma grande família espalhada no gradiente da divisão social do trabalho tem sempre um excelente laboratório para entender o funcionamento da sociedade e a própria luta de classes. A minha, por exemplo, hoje é composta de doze pessoas, afora as novas gerações. Tem aposentado, operário, pedreiro, gerente, diarista, contador, empreendedor, garçom, jardineiro e ainda uns que não conseguiram fazer outra coisa e viraram professores.

É uma típica família de trabalhadores que tem desde ateus até cristãos católicos ou protestantes, além dos que declaram crer numa força superior que a tudo une e relaciona, mas que se negam a chamar de deus. As divergências ideológicas não são menores. Basta pensar nos casos que considero polares: o do comunista e o do administrador de empresas.

Os encontros ocorrem sempre na laje de uma irmã mais velha, ao sabor de carne assada, cerveja, fumaça e acaloradas discussões que abarcam desde a vida cotidiana até a crise estrutural do capital e sua hecatombe ecológica. Todo mundo fala, e normalmente se fala alto, sobre todas as questões. E como minha mãe paria um a cada ano, estamos todos numa idade que posso chamar de “co-roas” e, portanto, não existe mais aquela cerimônia do respeito aos mais velhos. Se não fosse uma família, eu diria que era quase uma democracia no sentido grego da palavra.

Nos encontros de fim de ano é muito comum haver calorosa discussão entre o gerente e o comunista. O último não se conforma com as festas que o gerente promove para “enganar os trabalhadores” e o gerente persiste em seu propósito de “puxar o comunista à realidade”, declamando frases retiradas de um manual de autoajuda aplicado à gerência de pessoas. Parecem enxadristas: retomam o duelo do lugar onde deixaram, mesmo que se encontrem apenas uma vez ao ano. As estratégias vão desde o confronto direto até a indução de outros irmãos para tomarem parte na querela.

Não foi outro o motivo do caso que passo a relatar, senão a disputa ideológica deles dois.

Em face da situação de desemprego de longa duração de uma irmã, o comunista — que goza da condição de “emergente” na família — chamou-a para fazer umas diárias, limpando a casa e cozinhando.

Passaram-se alguns meses, a festa de fim de ano ocorreu e com ela a costumeira briga dos dois.

Curiosamente, naquela passagem de ano, o gerente não foi embora. Dormiu na casa da irmã, pois queria tratar com ela no dia seguinte.

No primeiro dia do ano, chamado dia da confraternização universal, ele acordou cedo, foi à padaria, trouxe pães e preparou um excelente café. A irmã sentiu-se muito prestigiada ao acordar com o saboroso aroma e a amável presença do irmão — que também é do núcleo emergente da família.

Enquanto tomavam café, ele explicou-lhe a legislação trabalhista tintim por tintim, provando que ela estava sofrendo de “grave violação de direitos”, não sem acrescentar: “poxa, e o camarada é comunista né!”.

Não deu outra.

No dia seguinte, dois de janeiro, a irmã chegou à casa do comunista somente às dez horas. Fez um café, botou duas camadas de queijo e duas de presunto no pão e serviu-se. Nada de colocar sequer a xícara dele na mesa. Depois, levantou-se, passeou pela casa, arrumou uns bibelôs na estante... Tudo muito lento e sem fazer o essencial que é limpar e cozinhar.

Lia ele um volumoso livro e fazia anotações. Quando desceu as escadas, viu que a mesa estava vazia e a irmã diarista ouvia músicas na FM USP de pernas cruzadas no sofá.

— Camarada, você não fez almoço? — perguntou, circunspecto.

— Não, camarada — respondeu ela, com a cara fechada.

— Por quê? Está faltando alguma coisa?

— Não, camarada. Na sua geladeira não.

Na cabeça dele faiscava um “puta que pariu! Como é que vou dar aula hoje, com fome?!”. Serenou, porém. Afinal ela era uma camarada trabalhadora.

— Você está com problema, camarada? — perguntou ele com ar de preocupação.

— Não, camarada. Você é que está — respondeu ela.

Jamais passara pela sua cabeça de comunista ter de enfrentar uma camarada trabalhadora na condição de patrão. Por isto demorou muito, procurando em sua cabeça de comunista a melhor maneira de exigir que ela realizasse seu trabalho. Notando sua atitude cambiante, ela sapecou:

— Você está me explorando. Sou vítima de grave violação de direitos trabalhistas, química humanos, camarada! — exclamou, invocando a PEC das Domésticas.

— Que história é esta? — perguntou ele, em tom alterado.

— Hoje eu estou em “operação tartaruga”, mas comunico-lhe oficialmente que entrarei em greve por tempo indeterminado, transcorridas setenta e duas horas — disse ela invocando a CLT.

“Que merda! Ela está por dentro de tudo!” — foi o que ele pensou, mas tentou contornar a situação com sua calma de comunista:

— E quais são as reivindicações, camarada?

— Carteira assinada. Férias. Décimo terceiro. Um terço de férias. Tempo de repouso para almoço. FGTS. INSS. Quer mais?

Ele estava perplexo. Uma enchente de ideias inundou sua cabeça de comunista.

Como sociólogo, pensou ser um típico caso de rebeldia do trabalho. Como comunista, tinha certeza: era um claro sinal, um lampejo da consciência de classe! Faltava algo, no entanto. Era preciso completar o processo de conscientização. Então, ele a chamou até fora, na calçada. Mostrou-lhe os prédios. E disse-lhe:

— Reivindicações justas. Mas só negócio se a camarada organizar uma passeata de todas as trabalhadoras que prestam serviços domésticos nas casas desses condomínios de luxo.



Hereges

para Nonato Macário

Tinham chegado às dezoito horas com enormes fardos de algodão nos ombros. A safra tinha sido boa. Foram à cacimba tomar banho.

No retorno, por volta das dezenove horas, comeram um mexido de feijão de corda com cuscuz e torresmos. Tinha também carne assada. A sobremesa fora coalhada adoçada com raspa de rapadura.

As barrigas pesavam tanto quanto as pálpebras depois do jantar reforçado e do dia de trabalho na capoeira.

A mãe resolveu rezar o Ofício de Nossa Senhora. Zezinho ensaiou uma reclamação:

— Não dá pra ser o terço, mãe?

Os católicos praticantes sabem muito bem a diferença do terço para o Ofício. Quem está quase morto de cansado só esperando a hora de cair numa rede, também.

A mãe reprovou a pergunta, feita em tom de protesto, e iniciou.

— Agora lábios meus dizei e anunciai os grandes louvores à Virgem Mãe de Deus. Sede em meu favor Virgem soberana...

Soaram uns cochichos na roda. Tendo sido reprovado com um olhar de viés da Mãe, Zezinho se aquietou. Antônio, porém, mais rebelde e indisciplinado, tentou insuflar um motim com os demais irmãos.

— Porra, meu, reclama aí! Hoje é para ser no máximo o terço. O terço não, um mistério apenas. Ou uma breve oração.

A mãe parou. Dirigiu um olhar que só ela mesma sabia. Olhou o pai que estava à esquerda como se dissesse “reaja, companheiro! Bote ordem na casa!”. O pai, que também estava moído do dia de trabalho, desviou as vistas. Então, ela mesma impôs a regra:

— Vamos, meus filhos e filhas. Vamos rezar o Ofício. E ai de quem me atrapalhar novamente!

O Ofício de Nossa Senhora continuou em coro.

Quando estava pertinho de terminar, o cansaço falou mais alto do que a disciplina e um ronco soou na roda. Desta vez era Nonato.

Sagaz, ele nunca tomava partido nos motins dos irmãos, mas também não os reprovava. Tinha uma espécie de inteligência política que o fazia dar-se bem de todos os lados. Mediador, digamos assim. Dormiu, porém, ao ponto de rocar durante o Ofício de Nossa Senhora dirigido pela mãe. Muito cansaço ou loucura!

A mãe suspendeu a oração. Rasgou caminho até ele. Agarrou sua orelha, torceu-a e, com o dedo em riste, proferiu:

— Orai e vigiai, para que no dia em que o Senhor chegar não estejais dormindo!

Ele acordou, os olhos arregalados, o queixo meio torto da puxada de orelha e disse em alto e bom som:

— Se o Senhor chegar na época da colheita do algodão entre oito da noite e seis da manhã vai me encontrar dormindo sim.

Todos riram.

A mãe olhou o Pai, que foi saindo de fininho com um sorriso escorregando no canto da boca. Então ela exclamou:

— Hereges!

E foram dormir.

Um conto de Natal

para seu Raimundo Macário, pai amigo
(*In memoriam*)

Enquanto fecho os olhos, revivo a cena de trinta e seis anos atrás. O lume hesitante da lamparina a querosene continua aceso na lembrança e ainda sinto o cheiro da neblina que acalmou a poeira do terreiro misturado com fumaça de pavio e alfazema queimada. Afora o chiar da coruja de voo rasante sobre o telhado e ecos de conversas vindas da estrada que ia dar na cidade, ouviam-se apenas a respiração ofegante, os silvos do ar inspirado a força, as frases reticentes ditas pela metade.



A tarde tinha sido enevoada, de clima abafado e carros na estrada levantando poeira seca. O pai demorou a voltar da cacimba e, quando apareceu, trazia a cabaça vazia. Lembro-me de vê-lo por trás dos marmeleiros, sentado numa pedra, como a fitar a copa das árvores, e atra-

vessar a cancela do quintal em passos planejados. A filha mais velha tomou-lhe das mãos a cabaça, esticou a rede do lado da janela, na sala de jantar, colocou o travesseiro de bater algodão para formar um encosto, acomodou-o e começou a balançá-lo. O suor escorria pelo pescoço de pele curtida, tamanho era o esforço.

A noite se anunciava, cobrindo com manto negro os restos de raios ao oeste, quando a mãe dobrou o canto da cerca, exalando o cheiro de assados e chouriço que preparara na cozinha da casa da fazenda. Foi direto a ele, fez-lhe uma carícia no rosto e enxugou o suor. Acendeu o carvão no fogareiro, trouxe-o para perto da rede, lançou sobre o braseiro um punhado de folhas de alfazema e começou a abanar a fumaça para debaixo da rede. Serviu-lhe uma porção feita à base de entrecasca de jatobá e aroeira. Nenhuma palavra, só um gesto, um olhar firme e um clima de ternura e cumplicidade. Lembro-me como fosse hoje do sorriso que ele esboçou e da serenidade que se fez no seu semblante. Adormeceu.

Um mexido de feijão com arroz, cuscuz e torresmos, acompanhado de carne de porco assada com sobremesa de coalhada adoçada com raspa de rapadura, ficou apenas na fan-

tasia que fora sendo desfeita enquanto a noite avançava. Nada mais do que uma panela de xerém ardia na fornalha e mesmo o café de boca de noite não exalava mais cheiro, pois fora preparado com a borra do pó da manhã. Os ovos, duas cestas cheias, e dois capões cevados tinham sido levados para a cidade. O apurado deveria ser investido na compra de quatro pares de chinelos, um quarto de café, dois litros de querosene e pães da padaria.

Minha rede estendia-se bem no meio da porta do quarto, contíguo à sala de jantar. De lá, acompanhei e compartilhei a aflição da nova crise por volta das vinte e três horas. Ele ergueu-se de supetão, agarrou-se aos portais da janela, buscando a brisa que corria suave lá fora. Os pulmões contraíam-se forte em ritmo acelerado e seu rosto foi ganhando uma cor vermelha, depois roxa... “Senhor, tende piedade dele!” suplicou a mãe e, num misto de dor e ternura, continuou: “não se entregue, meu velho; eu estou aqui; seus filhos estão aqui!...”. Novamente o cheiro de alfazema, incensos e ervas diversas.

Na pequena mesa de pau d’arco, lavrada a enxó e formão, havia um velho rádio marca Semp que recepcionava sinal transmitido em

ondas longas de alhures. Impossível esquecer o vaivém das ondas, os assobios e chiados das quedas de frequência e o *jingle* repetido de cinco em cinco minutos: “Sociedade... Salvador Bahia”. Quando a missa começou, ouviu-se um concerto que misturava o dobrado dos sinos com as dezenas de vozes do coral e um sublime som de piano que pairava como uma cortina luminosa por trás de todos os ecos.

Ali, na pequena casa de beira de estrada, a angústia resignada da mãe-coragem contrastava com o desespero de duas das filhas que, no terreiro, soluçavam lágrimas de ressentimento: “Deus, por que nos desprezastes!?”. Outros transitavam entre a sala e o quarto, em voz de pensamento, como que aguardando alguma coisa que já não sabiam o que era.

Fingi para mim mesmo que dormira, fechei os olhos, procurei subtrair-me da situação, divaguei em pensamentos... Os ruídos do instante foram se distanciando, enfraquecendo, até sumirem, como as ondas do rádio. Mesmo o primeiro cantar do galo se desmanchou no ar antes que chegasse aos meus ouvidos. O sono veio devagarzinho e, num sonho,

foi se abrindo uma fenda de luz por onde pude ver o pai erguer-se revigorado, arrastar os velhos chinelos de sola crua até a alcova, pegar o violão, chamar todos para o terreiro e, do lado de sua amada, cantarolar madrugada adentro.

O sol principiava a romper a placenta da noite, quando ouvi sussurros da conversa de todas as madrugadas, alguns sorrisos soltos, vindos do quarto da mãe. Os dois desenhavam, em cochichos, o futuro. O rádio, então sintonizado numa estação do Rio de Janeiro, tocava uma canção de Jackson do Pandeiro. Demorei a abrir os olhos para não perder a paz do momento, até que o avistei, ereto como sempre, indo ao terreiro pegar gravetos para a mãe acender o fogo e fazer o café trazido da cidade pelos irmãos mais velhos. A crise de asma havia passado e ele assobiava docemente a canção de Franz Gruber: “noite feliz... noite feliz...”.

Debaixo da rede havia um embrulho com pão da padaria e um par de chinelas japonesas.

Era natal numa casinha de beira de estrada.

Metafísica

para dona Lourdes Moura, mãe amorosa
(*In memoriam*)

Havia chegado, moído, naquela noite de sexta-feira, depois de uma semana de aulas. Estiquei as costas na velha rede da varanda e desfaleci. Quando era madrugada, ouvi seus passos macios pela casa.

Da mesma maneira de antes, revistou um por um dos meus seis irmãos: cobriu uns, botou para dentro pernas e braços esquecidos fora das redes, aprumou cabeças, descobriu os mais calorentos, retirou as meias do Luís, resmungando: “este não tem jeito mesmo”, acalentou Deusdete que quase acordou... Depois dirigiu-se a mim.

Em passadas curtas, aproximou-se e eu, fingindo dormir, virei de costas para receber seus afagos. Seu cheiro encheu o ar, as mãos passaram rasante sobre as costas e foi como se entranhasse os dedos no meu cabelo. Senti sua respiração ao aproximar o rosto quase tocando o meu e balbuciar “dorme em paz, filho querido”.

Há tempos estava órfão daqueles cuidados, desde que saí para o mundo aos dezesseis. Então, voltei-me para abraçá-la e quase toquei seu corpo. Ainda vi sua silhueta e mãos estendidas esfumando-se em ondas etéreas.

Acendi a luz...

Fazia dez anos que ela nos havia deixado.

Criados para voar

Eles tinham pegado uma carona num caminhão cheio de fardos de arroz. A mãe, grávida de nove meses, foi acolhida na boleia. Em cima da carga, o pai com os nove filhos, oito, melhor dizendo, porque o mais novo era ainda bebê e vinha no colo da mãe.

O pai sentou-se bem no meio da carga e amarrou uma corda na cintura dos cinco mais novos e na sua, mantendo-os ao seu alcance.

Quando pararam numa pequena cidade, numa pensão, ele apeou-se e botou a menina-da no chão. Conduziu sua mulher pela mão para tomar um café.

As crianças logo se espalharam pelo salão da pensão, brincando, brigando e revirando muitas coisas.

Um cego, que era hóspede, tentava atravessar o salão com sua bengalinha, explorando o chão. Depois de tropeçar em várias crianças resmungou, abusado:

— Hoje tem menino como praga! E continuou a tentativa de encontrar a porta de fora

e, quando não topava numa criança, era uma criança que esbarrava nele. Sentindo-se irritado, falou, quase gritando:

— Ei, de quem são estas crianças?

O pai respondeu da mesa onde tomava o café e comia bolo:

— São minhas. Por quê?

— É menino demais, meu senhor! — exclamou o cego e perguntou: — Estão em retirada?

O pai não gostou da palavra retirada como se conhecesse Portinari. Havia algo de áspero nela, talvez a própria realidade.

— Em retirada não, senhor. Estamos de mudança para o Ceará — respondeu. O homem cego, talvez por sua condição, dirigiu uma advertência ao pai que já estava ficando enjoado:

— Lá é muito seco. Vão é morrer de fome!

— De fome não morrem, meu bom senhor. Tem um pai aqui para lhes dar o que comer.

O homem cego, como que gozando de suas prerrogativas, não deu atenção ao asco da resposta anterior e voltou à carga:

— Deixa um desses meninos para me guiar. Pelo menos terá o comer, o morar e o vestir.

Ele, o pai, tinha um semblante sempre alegre, mas foi fechando a cara e respondeu para encerrar a conversa:

— Estou criando filhos para pilotar avião e não cego, meu caro senhor.

E continuou tomando café e comendo bolo com sua mulher, que o reprovava pela malcriação com um pobre homem que não enxergava nada.

Busca

Certa vez um homem sofreu um profundo lapso de memória. Das reminiscências restaram lembranças tênues de suas forças e limites físicos, de suas virtudes e fraquezas; mas nem sequer de seu nome se lembrava.

Achava-se, então, numa noite no meio de uma encruzilhada.

Às suas costas, estendia-se longa e reta estrada de piçarra bem calcada, ladeada por uma vegetação multiforme. Havia traços da caatinga salpicada de frondosas árvores amazônicas e do verdume dos juazeiros. Um brando som de água indicava a existência de córregos. Cenas de sua infância e do último amor vivido relampejaram em sua mente.

À esquerda, para o lado da lua, insinuava-se uma estreita vereda que se escondia em sinuosidades e reaparecia mais à frente, numas colinas. Da vegetação, o que se podia notar eram formas abstratas, indefinidas. Havia, porém, viço e cheiro de flores. As águas corriam serenas e outras vezes caudalosas,

pelo que ouviu. À distância, não era plausível divisar nada, senão um claro-escuro com frestas abertas por onde apareciam e refluíam as cores de um arco-íris. Sapos coaxavam.

À frente, uma estrada asfaltada rasgava a imensidão da planície, serpenteando em curvas leves, contornada por traços pintados com tinta branca. O mato ralo e árido parecia acolhido pelo abraço dos verdes e raros juaizeiros que exuberavam. O vento norte trazia em suas asas pedaços de uma canção que ele suspeitou conhecer.

Olhando à direita, embriagou-se com o luzidio das lâmpadas penduradas nos postes e com os verdes jardins de vegetação rasteira podada com esmero. Os canteiros de hortaliças mediavam a estrada com as vastas plantações de cana. Muito além, o ruído e os sopros da usina. Na baixada, a frivolidade dos transeuntes em festa no posto de gasolina. Faíscas de recordação de sua juventude no baixio, na usina e no bordel arderam em seu peito.

Ele voltou-se mais uma vez. Agachou-se e acariciou a piçarra. Voltando-se para a frente, aguçou o ouvido e escutou os acordes leves de guitarra em saudosa balada. Olhou,

circunspecto, para a direita. Suspirou sentindo o vento norte.

Examinou sua fraca perna esquerda e, sorrindo interiormente, exclamou “mas tem a direita!”. Fechou os olhos, reuniu toda a coragem e seguiu a vereda da esquerda.

Enquanto caminhava, passava a mão no mato e sorvia o cheiro das águas e das flores. Subiu a primeira colina com esforço. A perna esquerda estava mais fraca. No cimo, viu o arco-íris erguer-se ao longe, depois de outras curvas e colinas.

Parou. Olhou para trás... Depois fitou o horizonte banhado em luzes e cores da lua e do arco-íris. E decidiu continuar, após um breve descanso.

Cumplicidade

“Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis:
encolerizo-me e enternoço-me;
bato na mesa e tenho vontade de chorar”
(Graciliano Ramos. *São Bernardo*)

Tinha dirigido toda a noite e nas últimas duas horas não dissera palavra. Parecia querer embriagar-se tragando forte a brisa que fazia dançar as árvores lá fora.

Ela era como lesse seus pensamentos: observava-o silente e mais de uma vez acariciou sua barba grisalha.

— Estou um pouco cansado — disse ele, e parou o carro no acostamento, bem no alto de um mirante ermo. Sentou-se na ribanceira e abraçou o rosto com as duas mãos, os cotovelos sobre os joelhos.

O olhar dela acompanhava-o à distância, como em ondas de ternura. E como nunca antes acontecera, sentiu forte o absoluto naquele amanhecer, espalhando-se por sobre a imensidão do cosmos. A manhã iniciava fria com névoa acariciando os cimos.

Momentos depois, saiu do carro, caminhou até a beira do precipício, fechou os olhos, abriu os braços, encheu os pulmões e, abstraindo a densidade da existência, era como se voasse em sonhos por sobre os vales e montanhas.

E foi nesse momento solitário, em que a alma viaja além do corpo, que ela viu a fronteira perto dali. Atravessá-la não lhes exigia força física, senão apenas coragem e cumplicidade.

Quando os primeiros raios bateram em seu rosto, ela retornou do sonho, embalada pelos ruídos das cachoeiras que se precipitavam aos seus pés.

Voltou-se para ele novamente e viu tênues fios d'água que irrigavam seu rosto cansado e deslizavam por entre o cipoal da barba grisalha.

Mais do que ele mesmo, ela sabia do quão fortes eram as raízes que o prendiam ao seu chão. Então, se aproximou, se agachou em sua frente, pegou seu rosto entre as mãos e o encostou no seu, dizendo:

— Se ficares, eu fico. Se fores, eu vou. Somos um agora — disse e acariciou sua barba.

Ele a olhou num gesto de gratidão e disse-lhe palavras de tão profunda humanidade que o instante fora eternizado em suas mentes.

Em lágrimas e juramentos, ela beijou
sua boca como nunca.

E sob os raios do sol nascente, seguiram
para a fronteira...

Juntos.

Delicadezas



Naquela madrugada, o quarto da velha pensão era de uma solenidade de abajures foscos, alvos lençóis, macias colchas xadrezes, cortinas em leves cinturas deixando entrar nesgas de lua. A fumaça do pavio embebido em essências exalava um cheiro morno, que se misturava à fragrância dos tamarindos trazida pela brisa. O velho assoalho de madeira, encerado, o vinho tinto e o livro grosso de capa gasta sobre a mesa insinuavam um charme maduro, sedutor. O relógio da praça da estação marcou quatro horas e o som se

misturou ao ranger duplo da porta e ao *treck track* da fechadura de duas voltas. Lá de fora ainda foi possível ouvir o surdo estouro da rolha e uma briga em tom educado ou de sufocamento(?), era o que não se sabia ainda. Um íterim de cochichos em voz de engasgo e, depois, a frase áspera gritada “você é um covarde!”. Uma coruja piou e bateu asas da copa da tamarindeira. Um minuto se fez de silêncio obtuso cortado, depois, pela sirena da ambulância perdida na noite. O buquê ainda estava sobre o criado mudo, intocado. Ele andava de um lado para o outro e, ainda sem acreditar nos fatos, olhava com arrependimento o corpo dela jogado na cama. A mancha densa, vermelho-escura, descia pelo pescoço, banhava os seios fortes e espalhava-se pela colcha. Formavam-se poças no assoalho. Ele ainda teve vontade de beijá-la e chorou no extremo da angústia.

O plano ele o esculpira em minudência e requinte. O esmero com que preparara, ele mesmo, o velho quarto no dia anterior, dispensando a governança com seus “com licença” e “muito obrigado, senhoritas”, despertou curiosidade nos empregados já familiarizados com suas visitas. Acompanhado da mesma

mulher, a quem uma só vez ouviram-no chamar de Íris, ele chegava toda segunda e última sextas-feiras do mês por volta das vinte e três horas e dez minutos. Era metódico, já sabiam, mas, naquele dia, o rigor exuberava. A fina senhora que habitava o quarto no fundo do corredor comentara a respeito com a arrumadeira, não sem adverti-la: “tenha cuidado. Nunca se sabe”. Fato é que havia mesmo algo de misterioso no semblante dele: a insondável melancolia ganhara ares ora mais graves ora de sóbria alegria. Enquanto o tempo ruía, ele esquadrihava o pensamento e planejava passo a passo o ato que deveria perpetrar na madrugada vindoura.

Era, pois, uma madrugada de brisa leve e lua azulada, como se tivesse sido preparada para o ato que ele achava ser só deles dois; ato-síntese do singelo e do brutal, do princípio e do fim, como o natimorto.

Ele chegou à estação às vinte e duas horas e passeou pelos corredores. Depois sentou-se no café e proseou com a dona que o guardava num pequenino território da alma, florido e delicado. O sobretudo preto, encardido à entrada dos bolsos laterais, dera lugar a um *blazer* austero, um pouco mais alongado,

que cobria parte da calça *jeans* em azul-escuro e exuberava ombros bem delineados. A camisa era o exato contrário dos tons cinzas costumeiros, cândida. Sem perguntar, ela serviu um *cappuccino* sem açúcar e com canela. Notara, entretanto, em tudo de sua indumentária e feições, um quê de novidade e aflição: ele olhava o relógio e parecia contar os vagões que iam e vinham. Quando, em hora exata, a mulher saltou do trem, ele a olhou como se fosse um predador e dirigiu-se a ela sem vírgula nem ponto na conversa que mantinha. Apenas fez um sinal de mão para a dona do café que se despedia: “retorna na próxima semana?”.

Enquanto caminhava na direção dela, que ficou parada olhando-o — impactada, talvez, pela ternura do olhar da outra, às costas — procurou dominar o instinto que dizia dos lábios dela serem uma laranja esbagoada pronta para o devoro; e da pele, chocolate que se lambe, morde e come. Fitou os seios firmes, depois o pescoço e as ancas... O sangue quente. Desejava devorá-la ali mesmo, se se pode falar assim, até encarar o sorriso doce e sedutor. Controlou o monstro interior e tentou beijá-la. Ela desviou o rosto e o puxou pela mão: “quero dançar” — foi o que disse.

Atravessaram a rua no sentido oposto ao da pensão e, enquanto se afastavam, ele sentia profundo a aridez daquela noite. Ela se esforçava para manter a dianteira, em ritmo e marcha quase marciais, e exuberava em molejos, saltos e gestos de superioridade, praticamente conduzindo-o pela mão. E o fazia consciente do estrago, ele pressentia nos sorrisos largos para os olhares noturnos e na indiferença para consigo. Era como uma fera que insuflava os instintos mais primitivos doutra fera.

Entraram na boate e foi ela mesma quem tratou com os seguranças e bilheteria. Foi direto ao balcão, interpelou o *barman* com doçura. Pediu vodca e engoliu a seco. Depois outra dose e mais outra. Na quarta, pediu que misturasse com suco de laranja e gelo. A cada gole, passava a língua nos lábios num movimento sensual, horário e anti-horário. E o pouco que escorria, ela enxugava em delicado movimento de dedos e um lenço que tinha gravado o nome da boate num dos cantos — Estação Três. Ele pediu uísque e observava, com olhar severo, a horda de predadores à espreita. Tentava protegê-la, como se fosse necessário.

Ela, porém, queria dançar. E foi o que fez.

O *dancing* era pequeno, apenas um pretexto para a bebedeira e a fruição do erótico nas madrugadas dos esquecidos. Ele ainda tentou acompanhá-la num tango, em músculos e firmes passos, mas ela se desvencilhou em ondulações leves, sensuais. Foi reta: “danço para mim e comigo mesma!”.

A noite avançava. Os copos viravam em ritmo acelerado. Olhares e afagos se multiplicavam dirigidos a ela — que era leveza e graça. Ele interveio mais de uma vez em face dos assédios, como para evitar coisa pior, ao que ela respondia com soslaios meio zombeteiros, meio sedutores. “Não preciso de proteção quando o que quero é apenas ser mulher”, sussurrou num dado momento. “Mais fêmea que mulher!” — foi o que ele disse, de certo modo, áspero, retornando ao balcão e ao uísque.

As frases ditas eram duras demais, menos do que os gestos, porém, que indicavam terem transgredido os limites da delicadeza. Aquela região das personalidades, nalgumas mais largas, noutras mais estreitas, onde se guardam fragilidades e singelezas que são flores e feridas simultaneamente. Ela, a autoimagem e orgulho feridos por ter esperado tan-

tos meses por uma confissão definitiva e sincera: “eu a amo mais que tudo e quero acompanhar-me de você o resto dos meus dias”. Ele, que, naquele exato dia, tinha perpetrado um plano que até ali guardava em absoluto segredo, aguardando as circunstâncias apropriadas para executá-lo com a fineza da entrega de um ramallete de flores ou a firmeza do corte da navalha desferido pelo psicopata na jugular da mulher, objeto de seus desejos.

Quando ela julgou suficiente o jorro de feminilidade no *dancing*, deu sinal de ir embora, parou no meio do salão, olhou-o no balcão como quem interroga: “não vai me acompanhar?”. Ele respondeu com um olhar raivoso, o sangue fervendo, que a fez sentar-se numa mesa vazia. Aliás, o olhar foi apenas um viés instantâneo no momento exato em que punha a mão sobre a mão doutro homem, o dinheiro por baixo, no balcão, e dizia com fingida calma: “a mulher está comigo. Eu pago a conta, cavalheiro!”. Por alguns segundos, farejaram-se como feras antes do ataque mortal, até que um raio de bom senso veio no modo da seca frase: “sim cavalheiro, a vez é sua”.

Ele a acompanhou e admirou o quanto mantinha certa dignidade, equilibrando-se so-

zinha. Na rua, apanhou sua mão e a conduziu com firmeza na madrugada banhada de lua. Cães ladravam, longe. Eles fizeram um silêncio de ofegos. Não se olharam. Ardia nela a raiva de si mesma por ter se entregue tão inteiramente e esperado tanto de um praticamente desconhecido: “podia até ser um psicopata!”. Nele, a decepção dos estragos da noite fazia seu plano derreter como gelo ao sol: “seria digno executá-lo naquelas circunstâncias?”.

Atravessaram a praça e foram direto para a pensão. “Ele estava sóbrio e, como sempre, foi polido. Ela denotava ter bebido e tinha um olhar grave, diferente do sorriso doce que sempre a acompanhava” — disse um hóspede, escritor aposentado, para os policiais que atenderam ao chamado no amanhecer.

As badaladas ainda reverberavam quando ele trancou a porta do quarto. Um feixe de luz azulada esguiava-se pela nesga da cortina e banhava o livro e o vinho sobre a mesa posta debaixo da soleira da janela. Dois abajures cor telha faziam vigília nos cantos. As flores vermelhas pulsavam, sobre o criado mudo, ao lado das vivas cores da colcha xadrez e dos cândidos lençóis. O cheiro era morno como a carne: de cera, incenso e tamarindos. Era,

pois, um cenário pensado para ser sublime. Para ela um pastiche, porém: “pensa que vou me enganar com seus afagos? Sei exatamente o tipo de homem que você é!” — disse em tom agressivo, depois de varrer o ambiente com o olhar. “Não, você não faz ideia do homem que sou! Se soubesse com quem está lidando não me teria insultado a noite toda!” — respondeu ele, enquanto abria a garrafa de vinho. Havia ainda uma réstia de possibilidade de executar o plano com alguma dignidade e requinte...

O saque da rolha produziu um som abafado, como abafada fora a discussão que se seguira — em tom educado ou de enforcamento? “Eu ouvi. Ele deve tê-la estrangulado e cortado sua garganta. Há sangue escorrendo por debaixo da porta” contou ao amanhecer a fina senhora que habitava o quarto no fundo do corredor. “Ele é estranho, polido demais, melancólico demais, metódico demais” — dizia ela, enquanto acompanhava os policiais subindo as escadas.

A briga se fez com palavras abafadas, duras demais, menos do que os gestos, porém. Enquanto discutiam, ela tentou arrebatá-la a garrafa das mãos dele, que reagiu com vigor. Ele segurou forte o pulso dela colado

à cintura e, com a mão esquerda, espremia seus delicados dedos no gargalo da garrafa e esticava seu braço ao limite. Rodopiaram como numa valsa. Hábitos misturados como num beijo que, se tivesse havido, seria um jorro de prazer ou de dor? Pois, o misto de raiva e paixão despertava nela um instinto até ali desconhecido: queria morder seus lábios como fosse uma laranja esbagoada. Ela arrebatoou a garrafa e virou-a na boca como se tivesse sede, como se em desespero... A jugular exposta pulsando. Ele já não se sabia homem ou simplesmente animal e lutou contra si por um instante. Queria beijar o pescoço ou cravar-lhe o punhal que trazia guardado, atravessado no peito desde a recusa do beijo, o *dancing...* e toda a noite?

Foi um instante dilemático em que se mediam o princípio e o fim, se fundem o singelo e o brutal. E a escolha dele foi pelo último, empurrando-a forte contra a cama. Ela cambaleou e foi caindo macio sobre a colcha xadrez com a garrafa em punho. Ainda teve forças e bradou com voz de engasgo: “você é um covarde!”. Uma coruja piou e bateu asas da copa da tamarindeira, enquanto ela desfalecia. Seu rosto foi ganhando uma palidez de

morte e o vermelho das flores e da mancha que ensopava os lençóis exuberava... vivo... forte. Depois o silêncio obtuso, a angústia extrema, o choro arrependido e o grito da sirena da ambulância perdida na noite.



O relógio da praça batia cinco horas, quando o avistei caminhando rápido para tomar o trem. Ele andava olhando o chão e, quando me avistou, fez um gesto de cabeça e braços estendidos, um gesto de decepção e dor. Havia manchas vermelhas em sua camisa branca. Ele embarcou e colou a mão direita no vidro da janela, como se repousasse sobre ela todo o peso duma infeliz escolha e se despedisse de mim.

Larguei os clientes e corri para a pensão. A fina senhora que habitava o quarto no fundo do corredor tinha chamado a polícia: “o caso era de morte”. O investigador subia as escadas e ela tagarelava: “eu ouvi tudo... a briga... o grito de enforcamento... ele cortou o pescoço dela... há sangue embaixo da porta”. “Acalme-se, senhora. Agora é por nossa conta” — disse o investigador, fazendo um gesto de mão para que parássemos próximo à porta. Antes de abri-la, ele agachou, tocou o

fio vermelho que escorria, esfregou os dedos, cheirou e tocou a língua. “Sangue?” — perguntou o outro polícia. Ele fez um sinal lacônico e abriu a porta.-

O que vi foi uma cena que se me afigurou brutal. O corpo dela jogado sobre a cama. A garrafa em punho. A parede estava marcada com uma mancha que corria na horizontal, à altura do pescoço, e escorria em grossos pingos. “Deus Todo-Poderoso!” — exclamou a fina senhora que habitava o quarto no fundo do corredor — “ele cortou a jugular, ela rodopiou, o coração forte, o sangue espirrando...”. O investigador de polícia reprovou-a com um gesto abusado e dirigiu-se à mulher, tocando com delicadeza seu ombro: “Senhora... senhora... acorde”, dizia ele enquanto retirava de sua mão a garrafa vazia: o vinho tinto licoroso tinha banhado os seios fortes, encharcado os brancos lençóis, pingado no assoalho e escorrido em fio tênue por debaixo da porta.

Meu coração serenou, e sorri, me lembrando da honradez e humanidade que ele inspirava. Por um instante revi o embarque, a mão direita colada à janela como se repousasse todo o peso de uma escolha infeliz e se despedisse de mim.

O relógio da praça da estação batia seis horas quando ela acordou. Olhou em volta e um dar-se conta doloroso jorrou em lágrimas. Dispensei os policiais e a fina senhora que habitava o quarto no fundo do corredor. Fechei a porta. Ela recompôs-se. Lavou o rosto, foi até à mesa, apanhou o livro de capa gasta, apertou-o contra o peito e, quando abriu, destampou um pranto soluçante e me estendeu os braços. O abraço rompeu a represa de afetos que se precipitaram como enchente de júbilo, arrependimento, alegria e dor. Um sentimento difuso, de perda e piedade, fez-me chorar também. O livro tinha a página vinte e oito dobrada, em “Coração couraça”, de Mário Benedetti, e uma inscrição na contracapa: “para a mulher com quem quero viver o resto dos meus dias... Íris”.

Voltamos juntas para a estação num silêncio cúmplice. Servi-lhe um café amargo. Ela fumou um cigarro. Contei do gesto, a mão colada no vidro da janela. “Despedida?” — perguntou. “Foi o que senti”. Ela me contou tudo o que ocorrera naquela noite. “Acha que ele volta?”. O que respondi não lhe trouxe conforto, pois o que disse foi do vasto terreno insondável da personalidade dele. Sempre

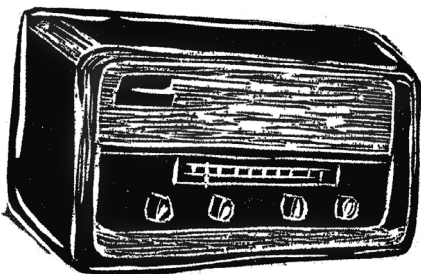
digna, ouviu-me como se perscrutasse meus sentimentos e seus gestos eram de quem sabia ter pisado um terreno de delicadezas, que é flor e ferida simultaneamente.

As oito badaladas do relógio inundaram a estação e senti seu coração fremir no demorado abraço que ela me deu. Eram um abraço de despedida e um pedido de desculpa, não sei se por sentir-se responsável por eu ter ultrapassado meu expediente noturno no café ou se pela presumida perda do homem que, agora, eu e ela sabíamos que a amava. Pois, ao abraço seguiram-se um carinho em meu rosto e uma frase dita em tom indecifrável: “você o ama”. Não foi uma frase para ser respondida mas para provocar reticências, que foi como fiquei olhando-a tomar o trem. Antes que a porta fechasse, ela fez um aceno delicado de mão e com a outra parecia apertar o livro contra o peito.

Quase cinquentenários

para Elias de França, poeta, amigo

Fosse em
tempos passa-
dos, talvez a
radiadora da
cidadezinha
onde me criei



anunciasse: parabenizamos o professor Epitácio Macário pela passagem de sua quadragésima nona primavera. Em seguida o locutor enfiaria embaixo da agulha da vitrola um LP (Long-Playing Record) do Amado Batista.

Os tempos e as cidades eram outros, todavia. Os encontros e as pessoas também. Então, um amigo das antigas combinou de me encontrar antes do trabalho.

Marcamos às sete e meia no café. Ele chegou às oito. Apesar dos óculos, coisa que para mim foi novidade, ele demorou a me ver, embora eu estivesse a cinco metros.

No abraço, já foi falando como escritor, em metáforas, como se comemorasse:

— Quase cinquentenários, né amigo? Que tempo curto para uma vida intensa!

— Quarenta e nove anos bem vividos, respondi recebendo umas palmadas nas costas que eram para ser delicadas.

— Bem vividos, mas também sofridos — disse ele, esboçando um velho e conhecido pessimismo.

Sentamos numa mesa com os pratos entupidos.

Comi frutas, cuscuz com carne de sol desfiada e tomei café com leite sem açúcar. Ele serviu-se de uma mistura de café, leite, bolos, pães, queijos, ovos e algumas coisas mais. Com a taxa de triglicérides nas alturas e a um passo do diabetes, olhei com repreensão o prato dele. Observei inclusive que ele montara uma montanhazinha de manteiga na lateral do prato, que foi beliscando até o fim. Beliscava e olhava para mim como se zombasse dos meus limites. “Este aí está querendo se exhibir”, foi o que pensei, lembrando velhas disputas da adolescência, que iam da resolução de operações logarítmicas até a conquista das garotas na pracinha da cidade.

E como ele havia dito que pretendia botar a conversa em dia, fiz grande esforço para lembrar o assunto do último diálogo, pois a memória era também motivo da disputa desde que nos conhecemos.

Lembrei-me de que, da última vez, há cinco anos, ele estava impressionado com o silicone. “É a invenção mais revolucionária da ciência moderna” — asseverou. Achei estranho porque sou conservador em termos de paradigmas científicos e continuo acreditando que a penicilina e o lavar as mãos antes e depois dos procedimentos médicos foram as maiores descobertas científicas da modernidade. “Veja”, disse ele: “se a telha tá rachada, vou lá, aplico uma fina camada de silicone e acabou a goteira. E aquele vazamento por baixo do vidro do box do banheiro, é só aplicar silicone. Aí vem, ó, o painel do carro, o cano da pia da cozinha...”. E continuou falando até que ensaiei uma ironia: “e os seios pequeninos então, hein, hein?!”. Lembro-me de como ele me interrompeu com um ar meio abusado: “eu ia chegar lá, amigão. Há coisa mais impressionante? Vem o câncer, o médico retira os seios e produz outros muito mais belos. Com quê? Silicone.”

Havia me lembrado tudo do diálogo anterior. Pensei que ele retomaria o tema silicone e me preparei. Mas... que nada!

Agora era o corticoide.

Sentou-se e já foi falando:

— Tem lá invenção mais revolucionária, amigo! — exclamou e mandou aquela tosse de quem sofre de Bronquiectasia.

Ponho em maiúscula porque acho que uma doença com um nome desse merece maiúscula.

— É o diabo!, disse ele.

— A doença?, perguntei.

— Não. O corticoide. Imagina o que seria de mim sem ele, observou.

Recordei-me das tormentosas crises de asma de meu pai e de como ele era grato à bombinha: “depois dela, minha vida recomeçou”, dizia ele.

Algumas garfadas e retomei o diálogo, advertindo-o:

— Pois é, mas é prejudicial também, sabia? Ele é guardado na memória celular e cobra preço alto depois — arrisquei, usando tudo do que sei do dito fármaco. Aí ele veio com tudo, como se eu falasse mal dele mesmo:

— Sim, é verdade. Mas a vida não é feita de depois — falou com a autoridade de quem

sofre de falta de ar — a vida é feita de agora. E depois arrematou, como se quisesse pôr em disputa quem tinha a doença pior:

— Chato mesmo é que sua osteomielite não pode ser tratada com corticoide, amigo — disse batendo no meu ombro com uma fingida solidariedade.

Agradei a complacência e procurei relaxar o cenho franzido e a mão agarrada ao garfo como se fosse uma peixeira.

— Bom. Mas me conte como é completar quarenta e nove, companheiro — investi.

— É normal. Depois dos quarenta, tudo fica meio idêntico. Sabe como é, respondi.

— Sei não. Acho que um a zero é a vitória mais significativa, porque a mais frágil e tensa — falou, olhando-me com um gesto perscrutador.

Divaguei interiormente: “que diabos tem a ver meu aniversário com jogo?”. Passado um tempo, fiz de conta que matara a charada:

— É. A vida é um jogo!

— Não me refiro a isto, amigo velho — respondeu incisivamente.

Novamente senti certa irritação e pensei quase em voz alta: “esse agora só quer falar em parábolas. Estará ensaiando para Cris-

to?”. Depois de um tempo olhando-o comer como se não houvesse triglicérides, mau colesterol e diabetes, pedi que explicasse, pois minha inteligência não alcançara a insinuação. Ele respondeu:

— É que cinquenta anos é um marco na vida. Imagino que, quando estamos a um ano para completar cinquenta, as coisas ficam parecidas com um jogo de um a zero, entende? Instala-se uma ansiedade com o minuto depois, o dia depois, a semana depois...

Eu vinha tendo uns probleminhas de saúde, como já insinuei, e me senti afetado mais uma vez pelas suas palavras. O cenho franziu e tive novamente de relaxar a mão que agarrava a faca de mesa. “Era só o que me faltava. Este agora querendo me meter medo!” — pensei. Ele me olhava, entre uma garfada e outra, como quem ganhara uma posição no tabuleiro. Eu não podia deixar aquela estocada gratuita. Então, investi com tudo:

— Ora, compadre, a vida não é feita de depois. A vida é feita de agora, lembra-se?

Rimos juntos.

Uma trégua para mastigar e algumas palavras soltas à toa. Falamos amenidades como as serenatas noite adentro em janelas

que, por azar, eram do quarto do irmão da moça. E foi por estes meandros que entramos noutra assunto, o mais denso: o amor.

Juro que não fui eu quem começou. Ele que se meteu em minha vida.

— Mas... me diga, amigo. Por que marcou nessa padaria que fica tão distante de sua casa e da minha? — indagou.

— Ora, amigo, não sabe que mudei de casa? Estou morando sozinho já faz um ano.

Ah, aí o tempo fechou. Ele me olhou com um ar de reprovação e de susto. Nem conseguiu disfarçar a decepção num balançar de cabeça. Falei-lhe da separação e de como era difícil a vida cotidiana. Disse do desconforto dos filhos que esperavam sei lá o que de mim. Ele me ouvia tão atento que parou de comer. Foi respeitoso, embora tenha me lembrado de que eu não tinha mais idade para isto. Quando pensei que tinha conquistado sua generosidade, ele foi seco:

— É, amigo velho, eu já o conheci assim. Procurando não sei o que no amor. Quando a gente pensa que as coisas estão indo bem, você levanta acampamento.

— Mas não é o amor uma questão sempre em aberto? Não é um horizonte que buscamos toda a vida? — retruquei.

— A covardia platônica? Não pode ser. Não combina com você!

— Ao contrário. A síntese superior de Eros e Filia, entende? É uma busca da alegria e da amizade, do prazer e da cumplicidade.

— Muito bonito, amigo! Filosófico! Só falta o Ágape — disse em tom que a mim me pareceu sincero até quando ouvi a parábola que se sucedeu.

Relatou sobre duas tias solteiras, já velhinhas, que todos os domingos empoam o rosto, perfumam-se, vestem roupas bem passadas e vão à igreja rezar. “Rezar e tentar encontrar um homem perfeito” — acrescentou ele. Enquanto falava, abstraí da conversa, peguei uma colher bem limpinha e olhei meu rosto que apareceu distorcido. E foi bem na hora que ele vaticinou:

— Você está igualzinho as minhas tias, amigo.

Franzi o cenho novamente e aproximei o rosto da colher. A imagem curva dava a impressão de envelhecimento. Lembrando Mari-lena Chauí, que disse certa vez que “transformar um dado de natureza, o envelhecimento, em xingamento é prova de abominação cognitiva”, reagi:

— Ah, entendi! Eu sou uma velhinha! Com cajado e tudo! Uma velhinha barbuda!

Ele gargalhou e bateu com força no meu ombro, repetindo “uma velhinha barbuda, essa foi boa!”. Tossiu forte. Ficou vermelho. Bateu de novo no meu ombro rindo e tossindo. Quando se recompôs, disse:

— Não, amigo. Só estou refletindo se você não está procurando algo que não existe. Lembra-se do ditado “quem muito procura é porque não se encontrou ainda”?

— Ah, bacana! Você se encontrou. É um homem reconciliado consigo. Realizado. Que não precisa mais procurar nada, inclusive no amor. Parabéns! — reagi, batendo palmas.

Ele não gostou do aplauso que era como caçoasse de suas palavras. Então retrucou mais firme e num tom, eu diria hoje, um tanto autoritário:

— Está vendo os alizares dessa janela? Isso aí é muiracatiara. Conhece essa madeira? Não? Pois eu lhe digo. É madeira de lei. Enquanto é novinha, é bem lisinha, vermelhinha. Olhe agora. Vê os furos? Vê o desgaste? É a ação do tempo, meu velho! Você não aprendeu a lidar com o tempo do amor. O

amor se desgasta, meu velho! Você não sabe lidar com o desgaste do amor. É isto.

Duas senhoras que tomavam café na mesa vizinha nos olharam e os gestos de cabeça pareciam dar razão a ele. Fiquei irritado, novamente.

Aproveitei o espasmo e disparei em tom elevado uma saraivada de palavras do tipo alegria, paixão, pulsão, desejo, felicidade... E para cada uma havia uma pausa seguida das perguntas “qual é a medida? Qual é a idade certa?”.

Uma moça que passava parou e ficou ouvindo e o soslaio foi de quem torcia por mim. Depois seguiu, segurando a bandeja delicadamente. Vi como os olhinhos vivazes dele fixaram-se naquele molejo de saia justa e cintura alta. E ainda mandou um “que saúde!”, enquanto se desculpava por ter sido invasivo. Também me desculpei por ter sido invasivo.

Na saída, ele pegou minha comanda e pagou toda a conta, alegando ter me convidado e que aquele era meu dia. Entramos nos carros ao mesmo tempo, que estavam emparelhados. Com a chave na ignição, fiquei pensando no que ele dissera: “você não sabe lidar com o desgaste do amor”. O motor do carro

dele estava ligado, mas ele não engastava a marcha à ré. Parecia esperar que eu saísse primeiro. Depois de um tempo, ele baixou o vidro e disse:

— Você tem razão. A felicidade é uma busca perene — falou e acenou com a mão.

— Estou feliz por encontrá-lo, amigo — respondi ao tempo em que ouvia os versos de Ferreira Gullar: “uma parte de mim / pesa, pondera / outra parte delira” no som do seu carro.

Estação Terceira

O Homem



Sobre a bondade

Odeio, com todas as minhas forças interiores, dar razão ao cinismo dos irmãos Cohen.

Isto é porque pensei no caso de um homem que acolhe em sua casa, numa noite fria e de trovoadas, dois viajantes. Serviu café quente e pão, cama e cobertores.

Daquele lado do rio não havia o que temer.

“Até a suçuarana quando passa só quer fazer *mis-èn-scene*. Linda... o brilho do pelo... o olhar selvagem... o esguio... a velocidade” — declarou de coração, aberto.

Fez como Manoel de Barros e como fizera, ou fora, toda a vida. O coração de menino e a porta, abertos.

Tinha dias que era córrego que fluía, manso. Noutros, era rocha por causa das intempéries, das invernadas. Mas o inverno de sua alma era passageiro. E ele voltava a ser córrego, manso.

Fez como Manoel de Barros e como fizera, ou fora, toda a vida. Deixou a porta aberta,

como também era aberto o seu coração de menino.

Quando a invernada veio novamente, o rio caudaloso arrastou seu jardim, destruiu tudo. Suçuarana devorou parte de sua criação.

E, numa noite de trovoadas, os viajantes voltaram. Fizeram-no refém. Gastaram seus víveres. Tomaram seu vinho. Remexeram seus arquivos. Riram de seus escritos que falavam de homem-água, que é córrego, manso.

Passaram-se três dias? Uma semana? Ele não sabia ao certo.

A manhã, porém, resplandeceu. O sol brilhou e ele acordou no pé da parede, dado por morto. Respirou fundo, olhando as nesgas de luz que entravam pelas frestas da janela. Reuniu as forças, ergueu-se, tomou água do pote. Enquanto bebia, sentia sua própria essência, essência de córrego.

Foi à cidade. Foi ao café de sempre. “Meu Deus, o senhor está vivo!” — exclamou a balconista. E o abraçou como numa confissão de amor. Os clientes aplaudiram. E todos quiseram abraçá-lo.

Ele sentia sua essência voltando. A água irrigava seu corpo e sua alma era inundada

de amizade, de fraternidade. Era a essência de um menino de coração e portas, abertos.

Ele foi à loja de armas e comprou um rifle. Queria um de longo alcance e boa capacidade de resposta. “A suçuarana?” — perguntou o dono. Ele sorriu e beberam um trago juntos. Levou munição para longa temporada.

Ele reconstruiu o jardim e já o sentia florindo seu coração, um coração de menino, aberto. Mas sabia que era preciso fazer um dique por conta das tormentas. E o fez com as comportas por ele mesmo controladas.

Ao cercar o jardim, cercou também seu coração, cercou de rocha seu coração de menino, aberto. Sua essência de córrego, que fora manso, enfrentou a rocha com furor. Queria fluir, como é da água e da natureza de menino. Como era de sua essência de córrego.

E foi para recuperá-la em plenitude que um dia pegou o rifle e farta munição e abriu uma temporada de caça.

Em sua mochila, levava os retratos dos dois homens pintados por ele mesmo com pedaços de carvão no quarto escuro onde foi trancado.

Temporada de caça

Ele seguiu suçuarana por três dias mata adentro. Observou como se movia, a rapidez, a leveza, a graça. Parecia uma garota, dizia seu coração de menino, aberto. A memória da dor e o medo, porém, ardiam em seu interior e ele armava o rifle.

Esteve com ela sob mira várias vezes e o dedo no gatilho teimava em obedecer sua natureza de córrego, manso. Descansava e continuava observando o esguio, a acuidade, o olhar entre feroz e inocente, o pelo brilhoso.

Fez como Manoel de Barros, ou como fora toda a vida.

Pensou que ela o farejava e apenas se exibia para seduzi-lo, pois, numa noite ao luar, ele a teve tão perto que sentia como se passasse a mão no pelo, desenhando no ar o dorso, as curvas, as ancas... a silhueta, afinal. Sentia-se como córrego, fluindo, mas se lembrava da natureza de onça e armava o rifle.

No terceiro dia, acordou com um alarido de dor. Suçuarana caíra numa armadilha,

destas feitas por caçadores e pelo mundo. Urrava, se debatia, rolava pelo chão. A pata mutilada, fratura exposta.

Ele aproximou-se devagarinho com o rifle em posição de tiro. O olhar dela era furor e súplica e ele sentiu seu cheiro, o mesmo da noite anterior durante um sonho. Passou-lhe a mão no corpo, acalmou sua agonia. Usou o bernal como focinheira, amarrou as patas traseiras, tirou a arataca com cuidado e conduziu-a às costas até a casa, do outro lado do rio.

Dois meses de carinhosos cuidados e uma lição semanal: um cordeiro sacrificado a tiros, metade para cozinhar, metade para alimentá-la. Ela sentiu o cheiro e viu com seus olhos selvagens o poder da pólvora, do homem. Depois, o passeio pelo curral com o rifle engatilhado. Sua natureza felina fora marcada pela mão que cuida, acaricia e atira.

Recuperada, suçuarana saltou para dentro da mata densa, como era de sua natureza. Correu livre e caçou. Numa noite, ela volteou o curral, rosnando. Os cabritos em alvoroço. Ele a acompanhou da varanda com mira perfeita. Ela o olhou e deitou-se do lado da cerca. O rebanho serenou.

Numa dada manhã de sol, ele sentia sua essência, nadando no rio, quando ela apareceu. Ele olhou seus olhos selvagens. Olhou o rifle. Não dava tempo! Farejando e rosnando, suçuarana foi descendo a ribanceira. Ele armou-se para o combate, mas não deu tempo... Pois, antes que cercasse de pedra seu coração, ela saltou sobre ele.

Os dois rolaram rio abaixo, brincando como crianças. Depois flutuaram suavemente como se numa síntese de essências, num encontro da natureza consigo mesma.

Quando saíram, ele apanhou o rifle. Suçuarana olhou e estancou. Ele descansou a arma a tiracolo e estendeu a mão direita. Ela trouxe a cabeça para debaixo e voltaram para casa.

O rifle era já uma metáfora, pensou ele com seu coração de menino, aberto; mas tão pouco em definitivo, depois daqueles dias dado por morto num quarto escuro.

Sua natureza de córrego estava ainda aprisionada entre rochas e a única vazão possível era ir ao encontro do medo.



Enfrentando o medo

Ele não conseguia viver com o medo, que era como cercasse de rocha seu coração de menino, aberto. Quando partiu com farta munição, sabia que era uma viagem que o conduziria a decisões, a ser examinadas em minúcias, pois as consequências poderiam ir

da reconquista à perda definitiva de sua essência de córrego, manso.

A cidade longínqua onde moravam os dois homens acolheu-o como num abraço, pois a diretora da escola que ficava próxima da pensão logo o contratou para cuidar do jardim. E já nos primeiros dias fizera amizades, cultivando flores e generosidade no coração das crianças que o cercavam para ouvirem suas histórias.

Ele sentia-se novamente como Manoel de Barros, ou como fora toda a vida, um menino de coração aberto. Isto porque a vida e inocência pulsavam naqueles pequeninos e ainda tinha o olhar aveludado da jovem senhora, professora e mãe de Liz, a perscrutá-lo, e parecia acariciar sua barba.

E houve uma tarde morna em que, pela segunda vez, ele acreditou que o rifle, na pensão, era já somente uma metáfora. Pois foi este o efeito do toque macio da mão dela sobre a sua, enquanto tomavam café na cantina, e da delicadeza de suas palavras, tais quais as flores que cultivava.

E qual não foi seu abalo no fim da mesma tarde ao ver, através da cerca de papoulas, os gestos grosseiros do homem praticamente empurrando-a, junto com Liz, para dentro da

camioneta. Era o mesmo que o atingira com objeto contundente e o rolara com o solado do sapato para dentro do quarto escuro, dado por morto.

Quando a noite veio, seu coração de menino mergulhou em denso breu, enquanto desmontava, lubrificava e remontava o rifle. Ele não dormira.

No dia seguinte, chegou à escola antes da hora, podou plantas em silêncio. Não contou histórias, pois pétreo estava seu coração, e sentiu pela segunda vez em toda a vida uma ira lancinante ao enxugar as lágrimas no rosto machucado de Íris, que lhe contou tudo na hora do café. “Não fora a primeira vez” — disse ela.

Como nenhum outro, ele sabia acalmar e encorajar os espíritos e foi isto que fez acompanhando Íris e Liz até a casa, apanhando coisas de primeira necessidade e levando-as à pensão.

No cair da noite, as duas dormiram abraçadas, calmas, enquanto ele caminhava no pântano de sua alma, atravessando a cidade. Chegado à casa, preparou café, esquentou pão e serviu a mesa. Quando viu o farol da camioneta na colina, apagou a luz e posicionou-se atrás da estante da sala.

O homem entrou, foi direto à cozinha e já se servira de café e pão quentes quando sentiu o frio do cano do rifle na nuca. Ergueu os braços e gritou num automatismo “Íris... Liz...”. A resposta foi destruidora: “Elas já se foram”.

Houve um hiato de cólera e desespero impotentes, os braços fortes erguidos, enquanto ele fazia meia-volta, tomava distância de tiro e ficava frente a frente. Mergulhada no breu, sua alma estava calma, o olhar gélido, o dedo firme no gatilho. E foi isto que aterrorizou o homem, que chorou implorando clemência.

Ordenou que o homem tirasse a camisa e jogasse para ele. Depois, continuou num silêncio obtuso e olhava no olho do homem, que era como um buraco negro sem fundo. Sentiu a tortura dos dias dado por morto, deu meia-volta e novamente encostou o cano na nuca. Estouraria seus miolos, vingar-se-ia...

O gatilho pesava no dedo e na consciência quando a imagem de Íris e Liz dormindo abraçadas veio como raio cortando a escuridão de sua alma. Foi então que ele se perguntou pelo que seria de si após o ato.

E foi sob esses lampejos que saiu em absoluto silêncio, deixando o frio do cano colado

à nuca do homem, que só deu pela solidão algum tempo depois. Ele já estava longe, com a caixa debaixo do braço, marchando firme para os limites da cidade.

Caminhou léguas esgrimindo a consciência pela coragem e pelo risco de ter deixado vivo o homem que, ele suspeitava, voltaria para completar o que deixara mal feito da outra vez. E o faria pelo exato oposto da honra, o contradito de sua essência de córrego, manso. Pois, o olhar era de uma fera desprovida de parâmetros de humanidade. “Mas até a suçuarana...”, pensava caminho afora.

Era uma chance, uma possibilidade.

Quanto ao medo, aprendera que não se o elimina a tiros ou golpes instantâneos, mas se a situação assim o exigir, que não se furte de tal o homem tido por bom. E talvez fosse isto o que se desenhava para o futuro no caso de um reencontro.

O reencontro

“Estouro os miolos do primeiro que se mexer” — falou ele em voz firme e imperiosa às costas dos dois homens, ao tempo em que engatilhava o rifle. Trovões rimbombavam e relâmpagos rasgavam a placenta da noite. Chovia fino.

Desde que retornara da cidade, deu curso à vida ordinária, cuidando da plantação, da criação e de suçuarana — pois ela estava lá, numa inacreditável prova de lealdade felina.

O inverno se anunciava no passeio das nuvens que, como uma cuia emborcada, cobriam os céus e estreitavam seus limites.

O rio escorria calmo e desprezioso como vive um homem reconciliado consigo e com seu meio, mas que, por serem movimento e vida, precipitam-se nas cachoeiras da existência para poderem seguir seu curso — tanto um quanto o outro.

Era assim que ele se sentia agora: vivendo as horas como o rio que corre, sabendo do precipício logo à frente, pois seu coração

de menino, aberto, conhecera a maldade e o medo.

E ainda tinha a doce lembrança dos afagos da professora, arco íris a se projetar sobreposto e além dos abruptos acidentes da correnteza. Pois, por capricho do acaso, ela era um encontro com o bom, o belo e a brutalidade humana.

Ele passou a viver as horas, os minutos, em vez dos dias e das noites. Seu íntimo fora tomado por sentimentos contraditórios, ora mais calmo, ora mais tenso. Nunca desarmado, porém.

Continuou cultivando a terra, mas não mais experimentara a leveza de flutuar na correnteza. Pois, para um homem com essência de córrego, nadar é como dormir ou entregar-se aos carinhos da mulher amada — ele o faz sabendo-se frágil, absolutamente vulnerável. Nadando, seria presa fácil e certamente não teria a sorte de antes, pois agora o predador à espreita era de outra natureza — era o próprio homem!

Ele treinou tiro todos os dias e, com a mesma perseverança, adestrou suçarana com o cheiro da camisa arrancada do homem naquela noite. Apurou os sentidos ao ponto

de perscrutar qualquer estalar de galho ou chiado de folhas que não fossem os naturais. Quando dormia, era suçuarana que vigiava — atenta, o faro fino, o instinto de caçadora.

O sobressalto veio de uma vez numa noite de chuva fina, trovoadas e relâmpagos. Era quase madrugada, quando ele acordou sob os empurrões de cabeça e miados de sua guardiã felina. Foi o tempo de apanhar a cartucheira, carregar o rifle, sair pela porta dos fundos e posicionar-se no matagal que ladeava o terreiro.

Os dois homens chegaram sorrateiros, trajando capas pretas e chapéus de abas grandes. Estavam armados e eram de um tino tão resolutivo que foram direto à porta e já se preparavam para derrubá-la quando ouviram a voz imperiosa às suas costas: “estouro os miolos do primeiro que se mexer”! Foi isto que ele disse e disparou um tiro entre as cabeças, abrindo um buraco na soleira superior da porta e imprimindo um zumbido ensurdecedor nos ouvidos dos homens.

Os homens depuseram as armas, adentraram a sala e ficaram colados à parede.

Ele os fitava com um olhar gélido e o dedo firme no gatilho. A noite tinha recoberto sua alma e de pedra era seu coração. Foi isto que

eles viram em seu olhar e sentiram, talvez pela primeira (e última?) vez, um terror indizível. Ele não disse palavra, apenas apontava o rifle como que a escolher o que mataria primeiro.

O ponteiro do relógio de parede parecia sentir o peso de cada segundo e o nauseante zumbido era como uma pua furando seus cérebros. O quarto estava iluminado e era possível ver uma corrente fincada na parede e uma corda com laço na ponta despencando da cumeeira.

Hirtos, eles olhavam o cenário aterrorizados.

O medo somou-se ao desespero, quando suçuarana surgiu da escuridão e adentrou a sala, rosnando ameaçadoramente, os dentes expostos, o olhar selvagem, e pôs-se ao lado dele como que aguardando ordens.

Ele achava-se novamente em poder de decidir pela vida ou pela morte de um homem. Se escolhesse a primeira, o que seria da sua? Se a decisão fosse pela segunda, que seria de sua essência de córrego?

Naqueles instantes já não podia ser como Manoel de Barros, ou como fora toda a vida, pois as tormentas da existência lhe exigiam posições que transbordavam sua essência de córrego, manso.

Em seu íntimo, porém, piscava a luz amarela da consciência, lembrando que as tormentas são acidentes, como as cachoeiras para os rios — que têm de suplantá-las para seguirem seu curso.

Estava, pois, mais uma vez, diante de si mesmo.



imprece@hotmail.com

Fone: (85) 3055.0102

Impressão e Acabamento

Este livro, com o formato final de 12cm x 18cm, contém 170 páginas.
O miolo impresso em papel Chambril Avena 80g/m² LD 64cm x 88cm.
A capa impressa no papel Cartão Supremo 250g/m² LD 66cm x 96cm.

Tiragem de 500 exemplares.

Impressão no mês de novembro de 2016.

Fortaleza-Ceará.